FON FON

Rio de Janeiro, 15 Dezembro de 1951
A revista feita para o lar
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

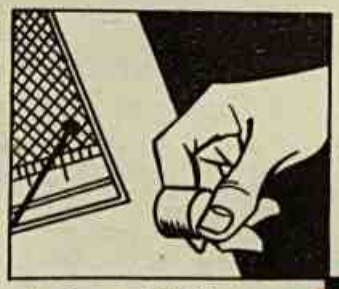
LIGUE para

a NOVA

EMISSORA CARIOCA

rádio RELÓGIO federal

A qualquer hora do dia e da noite, durante 24 horas sem interrupção, a Rádio Relógio Federal lhe dará, *minuto a minuto*, com precisão cronométrica, a *hora exata*.



É a última estação no "dial" do seu receptor.

EM **1490** QUILOCICLOS

O Crime De Absolver E O Sacrifício De Condenar

O fato de terem sido absolvidas as mulheres que mataram os maridos não irá, com certeza, influir em você, cara leitora, porque o seu espírito é são e bem formado. Mas sabemos que há criaturas em quem essas pavorosas tragédias, criminosamente perdoadas pelos júris, influem de maneira maléfica, originando dramas, desencadeando novos assassinatos. Quantas sofredoras, vítimas de exaltada imaginação e espírito fraco, não se sentirão inclinadas ao delito, vendo que a sociedade se acha atualmente disposta a tudo perdoar! O excesso de condescendência, em relação ao crime, é o crime pior! Absolver um homicídio, por sentimentalismo, é condenar ao crime a sociedade.

Ao ser sorteada para o júri, há dois anos atrás, apresentei-me ao cumprimento do meu dever com aquela dose habitual de sentimentalidade bem feminina: comiseração para com tudo e com todos, e a velha convicção de que não é o criminoso o culpado, mas sim a sociedade que, com as suas injustiças e desigualdades, gera os delitos. No meu primeiro contacto, porém, com a baixeza e a violência dos assassinatos, mudei de pensar. Em um mês de experiência e provação, amadureci e encarei o problema de outro modo. Compreendi que não é pròpriamente o réu que ali está em jôgo. É algo mais alto e maior: é a própria sociedade. É a humanidade, e não o indivíduo. Não é só aquela misera criatura, ali aguardando o julgamento, que vai ser julgada. Temos diante de nós todos os homens e tôdas as mulheres, cuja segurança depende do que decidirmos.

A não ser em casos excepcionais, acho que se deve dar ao crime a punição. Não sou a favor das longas sentenças. A prisão perpétua é quase tão bárbara, ou mais, que a pena de morte. É verdade que existe sempre a possibilidade de um indulto, o que a faz parecer menos monstruosa que a cadeira elétrica ou a fôrca. A sentença visa mais os futuros criminosos que o próprio réu. Vale como um aviso, uma advertência, um exemplo. Devemos fazer o sacrifício de condenar os culpados, por mais que nos dôa o coração, pois assim estaremos evitando futuros crimes.

Da nociva influência dessas recentes absolvições no espírito do povo é prova a onda de crimes que vêm sendo cometidos por mulheres. Sentem-se elas apoiadas pela sociedade, ao dispararem o tiro naqueles que julgaram indignos de viver. Ora, nunca podemos saber quem é digno ou indigno de viver. Quem somos, para julgar? Quantas vêzes a vida de uma criatura se transforma, e aquêle que merecia execração e desprêso, se torna honrado e benemérito? Quando estamos diante de um homem, não podemos pensar ùnicamente no seu passado. Êle é, principalmente, o futuro. E que direito temos de eliminar aquilo que ainda poderá ser bom? Quando uma pessoa resolve matar outra, é sempre por qualquer coisa que houve. Matando, não elimina o que houve, elimina o que poderia haver. Acontece, então, que está eliminando o que poderia ser bom e não o que era máu. Pois o que houve, mesmo com a morte, continua a ter havido. O crime é, portanto, em tôdas as circunstâncias do imperdoável, excetuando-se, é claro, os casos de uma bem legítima defesa.

Essa leviandade de absolver, de que o nosso júri tem dado tão lamentáveis provas, é sinal dos tempos, da decadência moral em que se encontra atualmente a sociedade. Os mais hediondos crimes recebem dos jurados inconsiderada remissão.

Cogita-se tanto de prever nos códigos tôda sorte de delitos e esquece-se uma forma, infelizmente tão comum quanto nociva à sociedade: essa errada compaixão que, perdoando os assassinos, é como a réga na triste sementeira das aberrações humanas. Ela vicejará cada dia mais, enquanto o terreno lhe fôr propício e os homens não se dispuserem ao sacrifício de condenar.

LASINHA
LUIS CARLOS DE CALDAS BRITO

Cuidado com os Charlatães da Psicanálise

É coisa sabida que atualmente na América do Norte há uma verdadeira multidão de falsos psicanalistas influindo negativamente nos espíritos das pessoas perturbadas. São os charlatães da psicanálise, que apregoam curar os doentes de quaisquer problemas emocionais, em seis fáceis lições.

O que é mais lamentável é que o número dêsses impostores supera o dos verdadeiros psicologistas na América do Norte. A Associação Psicológica Americana calcula em 25.000 o número dêsses intrujões, e o de verdadeiros psicanalistas psiquiatras e psicologistas em 4.500.

Alguns dêsses charlatães tratam das pessoas ignorantes ou perturbadas por meio de máquinas cerebrais, bolas de cristal ou fumaças "espiritualistas". Mas os mais perigosos são os que se intitulam psicologistas, especializando-se no tratamento dos problemas humanos.

Apenas quatro Estados, na América do Norte, têm leis e diplomas relativos a psicologistas. No resto dos Estados Unidos, os psicanalistas e psiquiatras são médicos formados como os outros.

Fora dos quatro Estados citados, qualquer pessoa que queira pendurar uma taboleta dizendo que é "conselheiro de relações humanas", põe o seu nome na lista telefônica classificada como psicologista e é considerado como tal.

GRANDES PREJUIZOS RESULTANTES

Não se podem calcular em números os prejuizos resultantes dêsse estado de coisas. Em todo caso, a Associação Psicológica Americana calculou em 375.000.000 de dólares por ano as quantias que vão para os bolsos dos charlatães da psicanálise.

Recentemente, uma candidata a médica, de uma clínica psicológica do Teachers College, usando o nome fictício de Patricia Nolan, marcou uma consulta com um "psicologista" que figurava na lista telefônica classificada da seguinte maneira: "Dr. X. (não diremos o nome). Deixe de se aborrecer com os seus problemas pessoais. As consultas são absolutamente confidenciais".

O consultório do dr. X era num grande edifício comercial de Nova Iorque, no distrito das finanças. Na porta, lia-se numa taboleta: "Dr. X. Conselheiro de relações humanas".

Havia, na sala da entrada, uma secretária moça, cercada de várias máquinas. Na sala de consultas, o dr. X, estava sentado por detrás de uma escrivaninha, com um monte de informações de vendas na sua frente. Suas maneiras eram agradáveis, mas a sua aparência descuidada (tinha os cabelos crescidos e despenteados) e a sua gramática deficiente não inspirava confiança.

Pat contou-lhe seu "problema" (fôra delineado por um professor de clínica psicológica no Theatrer's College: inabilidade para se dar com as pessoas, principalmente membros do outro sexo, fracasso no realizar as ambições do trabalho, e tendências para variações inexplicáveis).

DR. X DAVA CONSULTAS "CONFIDENCIAIS"

Miss Nolan tinha 24 anos. Ultimamente, sem "nenhum motivo" rompera com um homem com quem tinha tido um caso amoroso. Isso acontecera também antes com outros homens, e ela temia ter em si qualquer coisa errada, que a impedisse de se casar. Sentia-se também desanimada porque, apesar de diplomada pela universidade, trabalhara apenas como "garçonette", linotipista e "vendeu-se". Tinha sempre questões com os chefes e estava desempregada.

ÊLE SERIA "À SUA SOMBRA"

O dr. X disse a Pat que resolveria o seu problema em dez consultas, uma por semana. O preço da primeira consulta era de dez dólares, as outras seriam cinco. Disse-lhe que tudo o que ela tinha a fazer era contar-lhe tudo, e que êle seria "à sua sombra", resolvendo o que era certo e o que era errado, para ela.

Seu primeiro conselho foi que ela arranjasse um emprêgo. Depois êle a ajudaria a vestir-se melhor, sorrir com mais boa vontade e mudar o penteado. Não lhe perguntou nada sôbre seus pais, mas ela voluntàriamente contou que eram divorciados e que ela sofrera muito com ambos. Êle disse que isso não tinha importância e que, quando ela melhorasse, tudo entraria na linha devida.

Ela lhe disse que se sentia muito abatida moralmente, que não dormia bem, e que tinha dôres nas costas. Êle disse que êsses sintomas eram naturais, porque ela não estava trabalhando. Quando ela insistiu em perguntar se precisava ir a um médico, êle disse: Não, se a senhora está se sentindo bem agora.

VIAGENS DE FINS-DE-SEMANA

Quando ela voltou à segunda consulta, disse que arranjara um emprêgo mas ainda se sentia deprimida. E sentia-se infeliz, quanto às suas relações com os pais. Êle tornou a dizer que isso não tinha importância, insistindo em que o seu único problema era o casamento. Aconselhou-a agora que tinha um emprêgo, a embelezar-se e gastar a maior parte do seu dinheiro em vestidos e viagens de fins-de-semana a lugares onde encontrasse homens.

Ela estava de saia e blusa, disse êle que isso estava errado. "As mulheres devem usar vestidos que lhes salientem os encantos. Os vestidos os homens não podem usar". Aconselhou-a a arrancar as sobrancelhas e pintar a boca para que parecesse menor e mais larga. Depois instruiu-a em como se ter de pé, afastada da escrivaninha, para poder julgar bem o efeito produzido.

Depois perguntou se ela usava cinta, e aconselhou-a a tirá-la, para ver "o que se podia fazer". Pat achou ruim porque não havia "toilette" ali. Êle então disse-lhe que não fôsse tão pudica e envergonhada, mandou-a tirar os sapatos e dar alguns pulos e curvaturas. Depois, experimentou vários penteados diferentes nela. Escolheu o estilo que lhe convinha e mandou-a voltar na semana seguinte com os cabelos penteados assim e um vestido novo.

Em relação ao problema de Pat, o dr. X cometeu três grandes êrros, que o definiram como um charlatão da psicologia. Além da sua aparência não-profissional, — e o que parecia também a princípio de uma atitude não-profissional — êle:

1 — Prometeu cura em tempo determinado. Nenhum psicologista reputado faria isso, principalmente logo na primeira consulta.

O CASAMENTO NÃO ERA SOLUÇÃO

2 — Não deu importância às relações de Pat com os pais, concentrando-se no seu fracasso em conseguir casamento. A queixa dos aborrecimentos do lar eram o ponto mais importante, que qualquer psicólogo principiante logo veria ser a raiz de todos os problemas. Se ela se queixava dos pais, a última coisa a fazer no mundo seria aconselhá-la a casar-se. Isso criaria uma neurose muito mais profunda.

3 — Não aconselhou um exame médico, embora ela se queixasse de dôres.

Continuando as suas investigações, Pat encontrou o nome do dr. L na lista classificada, como psicologista, especialista no tratamento dos problemas mentais e emocionais.

A PRIMEIRA IMPRESSÃO É MÁ

Foi vê-lo no seu consultório, que era num hotel mais que vagabundo. Não havia secretária, êle mandou-a entrar. Estava ao telefone, então Pat sentou-se numa confortável poltrona de couro no canto da sala. As paredes estavam cobertas de gravuras coloridas, versos impressos em madeira e vários diplomas em molduras.

O dr. L, pequeno e de rosto redondo, desligou o telefone e mandou Pat chegar mais perto, indicando uma cadeira ao lado da escrivaninha. Ela contou-lhe então o seu problema; descontentamento com a vida. Respondendo a suas perguntas, contou-lhe que estava desempregada e que se aborrecia com seus pais, mas não se referiu a homens ou a qualquer aspecto da questão sexual.

O dr. L. disse-lhe, então, que o seu problema tinha nada que ver com o trabalho, mas sim com o sexo, que resultava nessas tensões relativas ao trabalho e à família. Explicou-lhe que os psicanalistas acham que tudo é o sexo, mas êle achava que muitas coisas podiam ocasionar essas perturbações, por exemplo preocupações financeiras, etc. Em todo caso, achava que o problema dela era sexual.

Ela perguntou quanto ao pagamento. Êle disse que não cobrava a consulta. Mas se ela quisesse voltar, o tratamento de cinco semanas seria de 150 dólares, de três meses, 250 — pagando-se pelo menos metade adiantadamente. Durante a primeira semana a doente vai todo dia, e o hipnotismo começa logo na primeira — (Conclui na página 50)

A RAINHA DAS PATINADORAS

ESTA pequena reportagem focaliza Arlynne Buchmann, de Hockensack, New Jersey, e que foi eleita, recentemente, Rainha das Patinadoras dos Estados Unidos. As fotografias mostram:

Proesas, emoção, correrias, o delírio da vitória...

Por entre treinadas concorrentes, Arlynne consegue obter "a ponta".

A corrida tem seus momentos durinhos... Arlynne está tombada, "knock-out".

Um tornozelo torcido, um pézinho inchado...

O médico ordena alguns dias de repouso, na cama, e o único que lucrou com isto, foi êsse ursinho malandro...

Prisioneira da NOITE

(ROMANCE DE LASINHA LUIS CARLOS DE CALDAS BRITO)

RESUMO DO CAPÍTULO XXVIII

Diante da paixão de Iara, Evangelina sente doer-lhe o vazio de sua vida. Toma também a resolução de mandar editar "Maraba". Entrega o dinheiro de Iara a Hugo, como se fôsse seu, conforme combinara. O rapaz acha estranho, porém, aceita. Na mesma tarde, Iara chega com a novidade: fizeram as pazes, recomeçaram tudo, pois o amor era mais forte do que o resto. No dia seguinte, Evangelina vai almoçar com Arnaud, que chegara de fora e a procurara. No restaurante, desperta a atenção do ilustre advogado Ernani Lóssio, que também a impressiona fortemente. Não podendo ser recebida pelo editor naquele dia, a moça faz o propósito de voltar no dia seguinte, porque assim voltará a almoçar, dessa vez sozinha, no mesmo restaurante, onde, lhe disse Arnaud, o dr. Ernani Lóssio almoça todos os dias...

CAPÍTULO XXIV

Sentou-se à mesma mesa da véspera e procurou em tôrno a figura cinzenta de cabelos grisalhos. Por um instante temeu que êle não viesse, mas a porta do restaurante quase ao mesmo tempo se abriu, dando passagem ao doutor Ernani Lóssio acompanhado de dois amigos. Dir-se-ia que, também, a primeira preocupação dêle foi procurá-la. Seus olhares se cruzaram no ar, mediram-se como duas espadas prontas à combater e recuaram, depois, hipòcritamente. Evangelina pediu distraída ao garçon um prato qualquer, enquanto se esforçava por ouvir ao menos algumas palavras do que o advogado conversava com os companheiros. Durante tôda a refeição, seus olhos trocaram magnetismos, chamaram-se, desvendaram-se. Findo o almôço, ela pagou ao garçon, consertou o "rouge" dos lábios, calçou as luvas um tanto apressadamente e retirou-se. Ao passar pela mesa dêle, não teve coragem para olhar. Sentiu, no entanto, que aquêles olhos a acompanhavam até a saída. Ainda na porta, voltou imperceptìvelmente o rosto, com um meio-sorriso nos lábios.

Saiu pela rua como se estivesse andando no céu. Achou tudo bonito, seus passos leves pareciam levá-la sôbre uma nuvem que fôsse subindo, subindo. Pensava obstinadamente: que fazer para conhecer, para aproximar-se dêsse homem? Devia voltar ao restaurante no dia seguinte?

As "démarches" com Porfírio junto ao editor pareceram satisfatórias. O homem prometeu examinar com cuidado a ópera e telefonar, mais tarde, dizendo qualquer coisa. Mas todo o seu ser estava ausente do que ouvia e do que dizia, porque tôda se transportava ao restaurante, sentindo ainda a frescura ambiente do ar refrigerado, vendo aquêles olhos que a invadiam tôda, que a dominavam, que lhe falavam de promessas amorosas jamais sonhadas. Ernani Lóssio! o nome era imponente, cheio de grandeza, falando de vitórias na carreira e de mistério na vida privada. Era casado, tinha quatro filhas. Seria feliz?

Chegando a casa consultou a lista telefônica. Morava na Gávea. Sem querer, decorou os números de seus telefones, o do escritório e o da residência. Nessa mesma tarde, resolveu fazer uma visita a Tia Euclídia, que se tinha mudado para Botafogo. Esteve apenas um quarto de hora na casa da senhora, saiu, tomou um bonde Gávea e desceu alguns números antes da casa do doutor Ernani Lóssio.Andou até lá e parou diante de uma belíssima residência, tôda cercada de árvores, com uma grade branca que uma trepadeira de flores roxas cobria. Viu o jardim senhorial, o ar austero da casa, o teto avermelhado, com manchas de recentes chuvas. As janelas estavam cerradas, mas, chegando junto ao portão, ouviu lá dentro um som de rádio abafado.

Deve ser a senhora dêle, ou talvez as filhas... Serão solteiras? Que idade terão?

Pôs-se a andar, sem destino, a esmo, pensando. Voltou para casa tarde e cansada. Quando chegou, encontrou saindo pelo portão um homem que desconhecia. Achou aquilo esquisito e perguntou: — Quem é o senhor? que deseja?

Era um rapaz moço que logo pelo sotaque viu ser português.

— Desculpe, minha senhora. Vim entregar uma encomenda dali do Armazém Santa Rosa.

— É p'ra D. Carmila, explicou depois a criada. Ela de veiz em quando manda vi guaraná gelado do armazém.

Desinteressou-se, então. Pôs-se a esperar Iara, que só chegou para jantar às nove horas. Havia um recado de Aléxia que se preparassem para a sua exposição, dentro de três dias. Seria obrigada a ir, que maçada!

No dia seguinte, à hora do almôço, estava de novo só no restaurante. Dessa vez, porém, sentiu o coração bater de uma maneira descompassada: Ernani Lósso viera também sòzinho. Dir-se-ia que se desvencilhara dos amigos a-fim-de poder entregar-se à delícia de contemplá-la à vontade. Almoçaram os dois, distantes, olhando-se ininterruptamente. Chegava até a decorá-lo, de tanto o examinar. Admirava-lhe a curva doce da boca, os traços regulares, nítidos, os olhos um tanto míopes, mas rasgados, grandes, luminosos. Via que tinha as mãos bem cuidadas, os gestos brandos, a roupa impecável. A gorgeta que dava ao garçon fazia com que êste se curvasse repetidas vêzes. Em tudo dêle emanava uma distinção, uma finura, um prestígio que a entonteciam. Não se sentia com coragem de sair antes dêle. Tinha mêdo que a seguisse, mas, ao mesmo tempo, desejava que isso de desse.

Se falar comigo, que hei-de dizer. Se responder, posso parecer-lhe uma mulher fácil. Se não responder, poderei perdê-lo. Como agir?

Mas parecia que êle também não estava dispôsto a sair antes dela. Foi preciso tomar a resolução e levantar-se. Passou ao seu lado trémula, esforçando-se por manter alta a cabeça. Tinha as mãos geladas. Êle se levantou depressa. Na rua tinha a tentação de olhar para trás, a ver se êle a seguia, mas não ousava. Temia por um gesto imprudente perder-se na sua opinião. Caminhou vagarosamente, dando tempo a que se aproximasse. Mas parecia querer manter a mesma distância. Se ela parava numa vitrine ela parava também. Andaram assim, fazendo a volta por Gonçalves Dias, e Ouvidor. Saindo novamente na Avenida, Evangelina resolveu, para fazer bonito, tomar um táxi. Depois de fechar a porta, voltou o rosto para trás e viu-o parado, olhando-a, olhando-a, perdendo-se num olhar, até que o carro se afastou.

Tinha a alma em ondas de ternura. Sonhava loucuras. Nem queria lembrar-se de que êle era casado, que tinha mulher e filhas moças. Talvez Arnaud estivesse enganado. Queria enganar-se a si própria.

Durante dois dias não lhe foi possível voltar ao restaurante, no primeiro dia porque a empregada adoecera e no segundo porque Tia Euclídia a havia convidado para um almôço de seu aniversário.

Era o dia da exposição de quadros de Aléxia. À tarde, vestiu-se tôda, profundamente entediada, e dirigiu-se ao saguão do Palace-Hotel. Hugo já devia estar lá, fazendo companhia à espôsa, e Iara só poderia chegar depois das seis. Eram cinco e meia quando chegou e viu que o "hall" do hotel estava começando a se encher de gente que fumava e conversava. Aléxia esperava os convidados, muito branca de pó-de-arroz, os cabelos oxigenadíssimos com pentes de tartaruga e pérolas, um perfume francês muito forte evolando-se do seu vestido preto, comprido, com barra de renda. Estava feia, porém radiante. Dir-se-ia que tinha o mundo a seus pés. Os quadros estavam dispostos com certa arte, sob lâmpadas especiais, colocadas de maneira a jogar luz exclusivamente sôbre êles. Os convidados iam chegando, dirigiam-se primeiro à pintora e mesmo antes de ver os quadros demasiavam-se em elogios exagerados. Aléxia, deslumbrada, ria-se, ria-se, perdida de vaidade, de gratidão pelas palavras ouvidas, feliz, esquecida de tudo o mais que não fôsse ela mesma e a sua arte incomparável. Já quase nem via Hugo que, de calças listradas, muito polido, recebia a seu lado os cumprimentos com um sorriso. Evangelina pôs-se a examinar os quadros. Desejou que Iara ali estivesse para poder externar a sua desaprovação. Achava aquela pintura de Aléxia uma coisa horrível, sem arte nenhuma, mas a quem expôr a sua opinião desvaliosa? Via os homens em êxtase diante de alguns borrões sem significação, as mulheres com um sorriso inefável diante de uns rabiscos sem sentido. Esforçava-se por ouvir os comentários em voz baixa, que alguns trocavam. Mas todos tomavam o maior cuidado possível em evitar que fossem ouvidos. O que se dizia alto era só:

— Gosto muito dêste quadro! Olhe êste aqui! Veja êste outro! Isto tudo é muito novo, muito vanguardista.

Sòzinha, Evangelina desfilava diante dos quadros, vendo de longe Aléxia cercada por um grupo de intelectuais de mau aspecto, que acabava de chegar. Súbito, diante de um grande "Carnaval" em tintas violentas, deu de cara com a imponente figura do doutor Ernani Lóssio, em pessoa! Parou um instante, incapaz de esconder a surpresa e o susto dêsse encontro. Estavam tão perto um do outro que quase se tocavam com o braço. Êle tinha nos lábios aquêle sorriso tão fino e o ar de quem está doido para falar... A seu lado havia um outro cavalheiro que, percebendo, se afastou discretamente. Num instante teve em suas mãos as dêle. Sentia-se em louco tumulto, as pestanas baixando e subindo rápidamente, sôbre os seus belos olhos.

— Que feliz casualidade! disse o advogado, retendo-lhe a mão. Sabe que tenho sentido falta sua no restaurante?

Faltava-lhe voz para responder. Nunca se sentira, em tôda sua vida, tão infantil e tão desprevenida de tudo diante de um homem.

— É... Não pude ir...

— Como vai o seu amigo, o doutor Arnaud?

— Vai bem... Deve ir bem. Não tenho estado com êle.

As palavras eram banais, mas a maneira por que eram ditas queria dizer muito. — (Continua na página 49)

Súbito, diante de um grande "Carnaval" em tintas violentas, deu de cara com a imponente figura do doutor Ernani Lóssio, em pessoa!

Sob a grande marquise

A reportagem fotográfica de FON-FON colheu, numa destas tardes de domingo no Hipódromo da Gávea, os instantâneos que ilustram esta página, e que dão bem uma idéia do ambiente chique e elegante que tanto valoriza as reuniões mundano-esportivas do mais belo prado da América do Sul.

Escolha inteligente!

Demonstrando afetuoso interêsse

PRESENTEIE ESTOJOS *Guri*

Dê ao bebê um presente de real utilidade, provando assim o seu bom gôsto e demonstrando que acompanha o progresso da ciência. Cada Estojo Guri contém uma coleção de produtos criados para proteger a delicada epiderme do recém-nascido. Pediatras e maternidades recomendam e utilizam para a higiene e o confôrto infantil, os produtos Guri — Óleo Antissético, Talco, Sabonete, Lavanda — por que são o que há de mais fino e moderno. Verifique o conteúdo dos diversos Estojos Guri e verá que são todos de utilidade constante. Seis modelos diferentes, em caixas lindamente decoradas, cada qual mais bonita, para você escolher!

UM PRODUTO HERMANNY

ÓLEO ANTISSÉTICO - Contra assaduras, brotoejas e erupções. Elimina o odor amoniacal da urina.

SABONETE - Rigorosamente neutro e inofensivo. Suave fragrância de lavanda.

TALCO - Isento de todo quanto possa provocar alergias. Micropulverizado e suavemente perfumado.

LAVANDA - Para os cabelos a roupa e o berço. Tem um suave efeito calmante que ajuda o bebê a dormir tranquilo.

PÓ PARA TOILETTE - Com perfume de Lavanda. Finíssimo e neutro.

★

Outros produtos GURI: MAMADEIRAS - CABIDES BANHEIRAS - ESCOVAS DE DENTES - PRATO.

A barba de Tuckle

(Conto de ELLIS PARKER BUTLER) (Tradução de LASINHA)

AMOS TUCKLE era o dono da mais famosa barba de Crawford County. Tinha cinquenta anos, e havia vinte e nove que a deixara crescer; cobria-lhe o rosto de um lado a outro, com dois metros e oitenta de comprimento. Usava-a enrolada numa taboinha fina, envôlta em seda com óleo e dobrada para dentro da camisa. Não a mostrava a qualquer um; só àqueles que lhe mereciam consideração.

Amos Tuckle tinha profundo orgulho daquela barba. Não vivia jactando-se de possuí-la, mas não podia esconder a sua vaidade. Tentava bancar o modesto mas quando a desenrolava e deixava roçar no chão a sua extremidade, e todos se ajuntavam em volta dêle para ver a barba em silencioso espanto ou bulhentas exclamações, Amos não podia impedir-se de dizer: Sim, senhor! É um pedaço de barba, hein? Havia muito tempo, quando Amos Tuckle e Henry Grimshaw tinham vinte e um anos, concordaram em fazer uma aposta para ver qual a barba que crescia mais. Em uma ou duas semanas, fôra fácil ver que Henry Grimshaw estava derrotado. A barba não lhe crescia muito; conseguiu, quando muito, um incipiente cotão crespo que o fazia assemelhar-se a um macaco, e então êle cortou-o; mas Amos Tuckle continuou a deixar crescer a sua barba, e ela foi crescendo cada dia mais, e Amos cada vez mais convencido com ela. Ao fim de quinze anos o jornal do lugar comentava o fato, e a notícia foi copiada e comentada em outras doze fôlhas. Amos não podia ir à cidade que não viesse alguém pedir-lhe para ver a barba. Sua espôsa tinha tanto orgulho naquilo quanto êle mesmo.

— Mostre a Marta a sua barba, Amos — costumava ela dizer quando estavam com os amigos. Você não acreditará enquanto não a vir, Marta.

Sua espôsa morreu quando Amos tinha quarenta e cinco anos, mas a barba continuou a crescer.

— Ah! se Matilde visse esta barba agora! costumava Amos dizer a seu filho Arno ou à mulher dêste, Bessie. Cresceu uns quarenta centímetros desde a morte de Matilde. Ela sempre a admirou tanto!

Arno e Bessie e seu filho de onze anos, Eddie, estavam morando na fazenda quando Amos fez cinquenta anos e a barba alcançou o comprimento de dois metros e oitenta e um centímetros, e foi em Setembro que Arni disse ao pai que resolvera deixar a fazenda e ir para a cidade a-fim-de arranjar um emprêgo. Amos ficou contrariado mas teve que admitir que Arno estava com a razão, à vista do preço das coisas; portanto Arno arrumou a mala e partiu.

Bessie e Eddie ficaram esperando até que Arno arranjasse um emprêgo e um acasa onde morar, e Bessie ia arrumando os seus pertencer aos poucos. Amos lembrou-se de um antigo cofre que fôra de Arno quando menino, e achou que Eddie ficaria encantado de possuí-lo, então raspou-o, envernizou-o e levou-o para a cidade a-fim-de que Henry Grimshaw lhe pusesse uma fechadura.

— Nunca vi um cofre melhor que êste, disse Henry Grimshaw. Nenhum pode fechar melhor.

— Fui eu que o fiz, disse Amos. Passei todo o meu tempo de folga, num inverno, a fazer êste cofre para Arno.

Na vez seguinte em que Amos foi à cidade, Henry já tinha feito a fechadura.

— Tenho que cobrar-lhe dois dólares pelo trabalho, Amos. Pus uma fechadura como êste cofre merece. Não será fácil abri-lo.

— O preço é um tanto alto para uma fechadura, mas gosto de pagar bem um bom trabalho.

Eddie, é claro, ficou encantado com o cofre. Tomou da chave e pôs-se a guardar ali os seus tesouros. O cofre ficou em cima de uma cadeira no seu quarto e êle encheu-o com seus livros e brinquedos, mas seu pai estava encontrando dificuldade em arranjar emprêgo na cidade de modo que as semanas iam passando, uma atrás da outra. Alguns dias, Eddie enchia o cofre de mais coisas, outros tirava quase tudo. Chamava-o "o cofre que vovô me deu" e sentia-se tão orgulhoso dêle quanto Amos Tuckle de sua barba.

Bessie, esperando a qualquer hora notícia de que Arno arranjasse o emprêgo, insistia com Amos para que êle tratasse uma governante para tomar conta da casa quando ela fôsse embora. Havia várias velhotas que teriam aceitado o emprêgo, mas Amos não queria tomar uma resolução porque outra idéia se lhe cozinhava no espírito, e um dia em que foi à cidade e de volta passou pela porta de Sarah Hillway ali parou o seu empoeirado carro, freiando com fôrça.

— Que?! exclamou Sarah, olhando da janela da cozinha e falando à sua criada Emma Oliver. É Amos Tuckle! Com certeza êle veio para tirar você de minha casa, Emma!

Emma estava comendo uma maçã, descascando-a com uma faca, porque já não tinha os dentes bons.

— Tanto pior para êle, disse ela. Aqui estou e aqui continuo. Se a senhora está satisfeita, d. Sarah, eu também estou. Se a senhora não quer ver-se livre de mim...

— Não quero, não, disse Sarah. Mande-o entrar, Emma; mas estou tôda despenteada. Se é a mim que êle quer ver, volto já, assim que tiver passado um pente no cabelo.

Tinha quase certeza de que Amos Tuckle queria vê-la e não a Emma. Sarah Millway estava viúva havia dois anos e, com quarenta e dois, estava longe de querer viver sem marido. Não precisava esperar muito. Pois havia um ou dois mêses Henry Grimshaw lhe fazia a côrte e ela esperava que êle pusesse os pingos nos is a qualquer momento. Pelo menos uma vez por semana o carro dêle parava à sua porta.

Henry não era o que se chama um homem de ação. Tinha a mesma idade que Amos Tuckle, isto é, cinquenta, e durante cinquenta anos vivera solteiro, sendo namorado prudente. Empreendera o cêrco ao coração de Sarah como os exércitos do século dezesseis sitiavam uma cidade, com a diferença que em vez de fazer a fortaleza capitular pela inanição, Henry Grimshaw parecia querer fazê-la capitular pela fartura de víveres. Começara com pacotes de balas, passara depois para caixas de bombons e, vez por outra um embrulho de rubras maçãs ou douradas laranjas. Estava claro que Henry se resolvera. Era uma das maçãs de Henry que Emma Oliver descascava quando foi abrir a ponta para Amos Tuckle.

No momento em que a ponta se abriu, Amos Tuckle estacou. Seu rosto ficou esverdeado o nariz contraiu-se como o focinho de um coelho, e êle estendeu a mão em gesto de defesa. Deu um passo para trás.

— Maçã! balbuciou fracamente. Maçã!

Emma Oliver compreendeu logo o que êle queria dizer. O cheiro de maçã era um veneno para Amos Tuckle e tôda gente em Crawford County sabia disso. A fragrância que outros acham deliciosa era mortal para Amos. Não podia suportar cheiro de maçã. Isso provàvelmente porque quando Amos Tuckle era pequeno tinha furtado algumas maçãs do velho Jabe Hallam, e êle lhe pespegara almas palmadas. Emma Oliver atirou fora a maçã e meia dúzia de galinhas correram para bicá-la. Emma limpou as mãos no vental.

— Esqueci-me de que o senhor não suporta maçãs!

— Elas me causam náuseas, disse Amos, tomando funda respiração. Não posso suportar a presença dessa fruta perto de mim.

E isso era tão verdadeiro que, se você embrulhasse uma maçã em papel impermeável e a trancasse no canto mais fundo de um armário embutido, e depois pusesse uma porção de cebolas por cima, no momento em que Amos entrasse em casa ficaria pálido e o nariz lhe começaria a tremer, e êle diria logo: Maçã! Estou sentindo o cheiro de maçã! — As únicas vêzes em que êle se zangou com a sua nora Bessie foi quando esta deixou Eddie trazer uma maçã para dentro de casa. Quase ficou doido.

Por isso Emma Oliver esperou até que Amos tomasse oito ou dez fundas respirações ao ar livre.

— Não sei a quem o senhor procura, disse ela, mas se é a mim o melhor é ir logo dizendo o que é que quer. A cozinha está que é só cheiro de maçã. Se quer ver d. Sarah o melhor é dar a volta e entrar pela porta da frente e falar com ela na sala de visitas. Lá só tem cheiro de naftalina.

— Quero falar com Sarah, disse Amos Tuckle, e então deu a volta até a frente da casa e ali já encontrou Sarah com o cabelo liso como veludo, que o fez entrar. Amos respirou com delícia o cheiro de cânfora das bolinhas de naftalina.

— Estou envergonhada de recebê-lo assim, disse Sarah correndo uma cortina, mas o cheiro de maçã que está na cozinha levará horas para sair. Henry Grimshaw trouxe-me um pacote delas, e são as maçãs mais cheirosas que já vi.

Amos sentou-se no sofá, e o cheiro de cânfora acentuou-se, saindo dali. Respirou-o com deleite.

— Henry Grimshaw? perguntou. Como é que Henry Grimshaw lhe trouxe maçãs? Êle não é vendedor de maçãs; êle é serraleiro.

— Bem, é que Henry de vez em quando vem ver-me. Tem vindo várias vêzes, agora. Parece que êle gosta de vir.

Sorriu de um modo destinado a mostrar a Amos que as visitas de Henry Grimshaw tinham um intuito especial — um intuito matrimonial, e Amos compreendeu.

— Ora, o lambareiro! ora veja! êle é pelado como uma enguia! Não me diga que você era capaz de se casar com um homem como Henry Grimshaw, Sarah!

Amos falou assim porque considerava Henry Grimshaw um pobre coitado. Com cinquenta anos, Henry era ainda um latoeiro, querendo sempre inventar uma coisa que não se deixava inventar, e fazendo uma quantidade de insignificantes serrotes e limalhas, consertando espingardas e peças de serralharia. Aos cinquentas anos Henry tinha menos cabelo do que aos vinte e um. Era o único homem em tôda Crawford County a referir-se desrespeitosamente a célebre barba de Amos Tuckle.

— Se um homem gôsta de parecer com um bode, não tenho nada com isso, dizia êle quando se elogiava a barba de Amos. Por isso, se havia alguma coisa capaz de tirar a côr esverdeada do rosto de Amos Tuckle era essa notícia que Sarah lhe estava dando. O rosto de Amos ficou vermelho. Mas Sarah não dizia francamente se ia ou não casar com Henry.

— Não devo ainda dizer nada, disse Sarah. A coisa está ùnicamente entre Henry e mim. E quanto a ser pelado como uma enguia, Amos, não considero o crescimento dos cabelos um dom imprescindível a um noivo.

— Talvez não seja, disse Amos. Em todo caso, dizem que o ter pelos no rosto é sinal de fôrça e virulência, Sarah. Um homem cuja barba vai até o chão e se lhe pode pôr o pé em cima, tem fôrça e saúde.

— Talvez, disse Sarah. Não digo que não. Contudo, meu marido fazia a barba todos os dias e nem por isso era pior que os outros. Quanto a mim, pessoalmente, não desmereço num homem só porque não tenha pêlos bastantes para fazer um colchão, Amos. Para dizer-lhe a verdade, falando claro, só a idéia de um mundão de barbas dobradas para dentro da camisa de um homem dá-me arrepios. Não posso suportá-la.

— Sarah, disse Amos seriamente, pois que êsse começo de namôro não estava dando certo, você já viu algum dias a minha barba?

— Não, não vi, mas já ouvi falar muito nela. Além disso, não desejo vê-la, Amos. Não gosto de ver na vida diária aquilo que só deve ser visto numa feira de amostras.

Amos tinha posto a mão no botão da camisa mas à vista disso retirou-a. Ergueu-se do sofá.

— Acho que isso basta. Não me importo de dizer-lhe, Sarah, que eu tinha certa pretensão, porque Arno e Bessie vão embora, e você há de ter advinhado. Mas se você pensa isso de mim, Sarah, não tenho mais nada a dizer.

Sarah levantou-se também e estendeu a mão.

— Não vá zangar-se comigo, Amos, disse ela deixando-o tomar-lhe a mão. Não digo que não goste de você, Amos, mas nunca poderia viver em companhia de um homem de rosto peludo. Devo mesmo dizer que não poderia suportar essa sua barba. Estaria a cada minuto pensando em ninhos de ratos.

— Basta, Sarah, disse Amos com dignidade. Não precisa dizer mais nada. Muito obrigado. Boa tarde.

Saiu e tomou o seu empoeirado carro e foi para casa. Não estava pròpriamente zangado mas sentia-se ofendido.

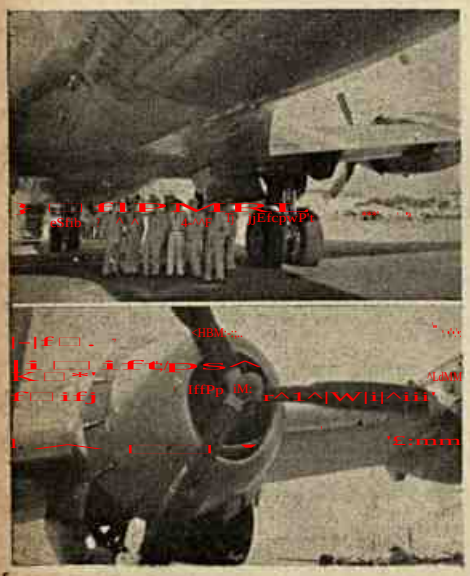
— Ninhos de ratos! exclamou, pois conservava a sua barba imaculadamente limpa. Provàvelmente ela havia de querer botar bolinhas de naftalina na minha barba. Chegou a dizer que era melhor eu não ter a minha barba. Mulheres! A gente nunca pode entendê-las!

Foi guiando o carro durante meia milha, carrancudo, sem dizer nada.

— Cortar a minha barba! exclamou, então, desdenhosamente. Não o faria pela melhor mulher do mundo! Levei vinte e nove anos deixando-a crescer e não haveria de cortá-la por mulher nenhuma! Estando de máu humor, não é de admirar que, ao chegar a casa e abrir a ponta da cozinha se encolerizasse ao sentir cheiro de maçã. (Continua na página 20)

E assim acabou a célebre barba de Crawford County, que Sarah, a espôsa de Amos, nunca mais deixou tornar a crescer.

A RAINHA DA PRIMAVERA — Encerrando a parte esportiva que reuniu cêrca de seis mil atletas dos "Jogos da Primavera", magnífica competição esportiva feminina, teve lugar na ABI a escôlha da Rainha da Primavera, sagrando-se a senhorinha Maria Abdala, do Colégio Anglo-Americano, entre as dezessete concorrentes, cujas fotos damos detalhes cercando a graciosa vencedora.



UM DOS MAIORES AVIÕES DO MUNDO, NO BRASIL — Sobrevoou os céus da Cidade Maravilhosa um avião cuja envergadura jamais foi vista no Brasil. Trata-se de um aparêlho de três andares, que polarizou a atenção dos cariocas que acorreram para examiná-lo detidamente.

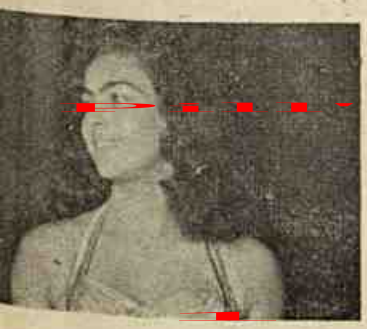
NO RIO, JOÃO DA SILVA RAMOS — O protagonista de um dos mais sensacionais e dramáticos acontecimentos que abalaram a elegante Biarritz, declara à imprensa que "não tinha motivo para eliminar Monique", sua graciosa espôsa. E "hoje, onde quer que chego, sou objeto da curiosidade popular".

●

A "FAÇANHA" DE VIRGÍNIA FURLAND — Foi eleita para à Câmara Municipal de Pederneiras, em S. Paulo, a Sra. Virgínia Furland, de setenta anos, a qual ao ser apresentada ao Presidente da República recebeu o seguinte elogio: "Aceite meus parabens pela sua coragem..."

OS PAPAIS DE HOLLYWOOD SE DIVERTEM — Num parque chamado "Amusement Park", em Hollywood, os astros e estrêlas e seus filhos aproveitam as folgas nos estúdios para se divertir. Aqui na foto temos, George Murphy e sua filhinha Nelissa e Dennis O'Keefe com seu filho Jimmie numa corrida de automóveis de brinquedo, mas que correm a valer.

FORMATURA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO — Foi das mais brilhantes a festa realizada pela nova turma que acaba de formar-se agora na Escola de Educação Física do Exército. À Praia Vermelha, compareceu o Brigadeiro Eduardo Gomes para assistir às várias demonstrações levadas a efeito pelos alunos, como se vê nas fotos.



LÁ COMO AQUI, OS AUTOMÓVEIS MATAM — Peter Damust cruelmente atropelado e morto na estrada de Rockville, Nova Iorque. A ambulância veio inutilmente e o Rev. James Scott dá extrema unção, como se vê na foto, mas o chofer-assassino foi preso pela polícia em dez minutos.

E OS MORTOS RESSUSCITAM — Segundo telegrama de São Francisco da Califórnia, a sra. Butler, dada como morta pelos médicos chamados para atendê-la ao ser encontrada sem sentidos no banheiro de sua residência, estava para ser removida para o necrotério quando alguém notou um leve movimento na mandíbula da "defunta". Momentos depois a sra. Butler readquiria a consciência e a primeira coisa que fez foi exigir a presença de seu médico de confiança.

AMOR PRÓPRIO ACIMA DE TUDO — Em Londres, o Corpo de Bombeiros entrou em greve, mas uma greve sui-generis, pois, esplicação o orgulho dos grevistas ante a perícia dos improvisados soldados do fogo, aquêles, os verdadeiros, teimaram em permanecer do lado de fora dos postos com o intuito de competir nos chamados de incêndio e provando assim à população londrina que ela não ficaria desamparada apesar da greve.

AS MANOBRAS DO EXÉRCITO — Foram coroadas do mais pleno êxito as últimas manobras da Primeira Região Militar no encerramento das quais compareceram o Presidente e o Vice-Presidente da República. Nas fotos vários aspectos dos exercícios militares e o sr. Getúlio Vargas ao lado do sr. Café filho.

Ivanise Pires Tavares.

SEM dúvida é a linguagem com que os deuses se comunicam com os homens. E foi essa, precisamente, a impressão dos que assistiram, no Auditório do Curso de Educação Musical, o recital de piano de Ivanise Pires Tavares, sob a direção da Prof. Haydée Lazaro Brant.

Ivanise Pires Tavares surpreendeu-nos pela deliciosa vocação a desabrochar naqueles sete anos de idade num ímpeto todo natural, todo espontâneo.

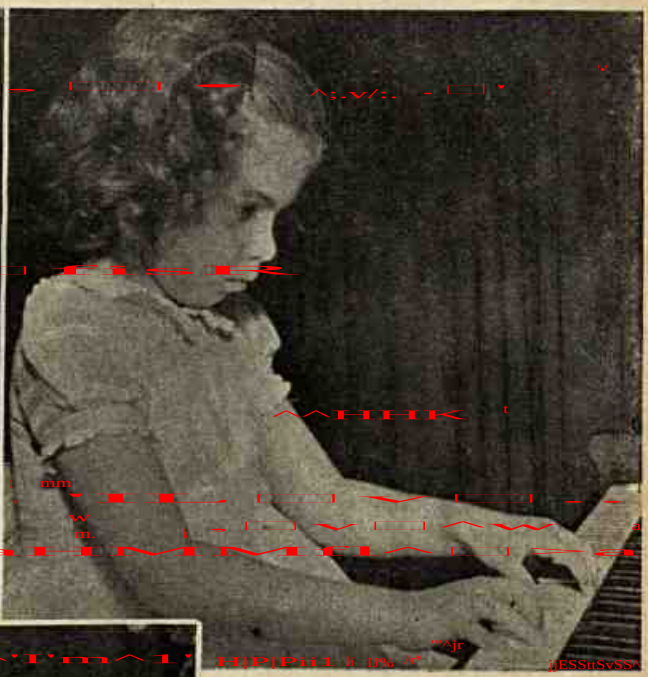
A récita se compôs de duas partes. A primeira, que coube tôda a Ivanise, estava assim disposta: Kohler-Estudos, nos. 12 e 14 e Valsa das Crianças; Bach — Musette; Radamés Mosca — O Burrinho Travêsso; Gretchaninoff — Dança dos Ursinhos; Beyer — O Palhaço e o Bôbo; Villa Lobos — Todo o Mundo Passa; Schmoll — Scherzetto e Saltarelle. Números extras — Maria Leticia Souza — Boneca Dinamarquesa e Valsa Opos 50 n. 20.

A segunda parte do recital conteu, então, com o concurso de suas pequenas colegas, que, de um modo geral, estiveram admiráveis também. Pela ordem de apresentação tivemos: Marly Teixeira Marques Henrique, com "A Barquinha", de Steward; Sylvia Helena Landau, com "Os Bebês Dançam", de Russo; Leilá Maria Tavares da Silva, com "Estudo n. 2", de Kohler; Hilda Maria Pessoa de Queiroz, com "O Pequeno Regente", de Russo; Maria Ruth de Araújo Lima, com "Musette", de Russo; Suely Jabor, com "Estudo n. 8 (a 4 mãos), de Beyer; Ivonne Maggie Costa Ribeiro, com "Heureuse Jeneusse" (a 4 mãos), de Micheuz; Anamaria Gold Brant, com "Joyeux Printemps" (a 4 mãos), de Micheuz; Maria Thereza Lanzillotti, com "Fete aux Champs" (a 4 mãos), de Micheuz; Sérgio Landau, com "Rose", de Schmoll; Maria Helena Matiante Ferreira, com "Despertar", de Lorenzo Fernandez; Regina Maria Jucá, com "Roda", de Lorenzo Fernandez; Amaly Jabor, com "O Canto de Peter-Pan", de Radamés Mosca; Norma Quintella, com "Caminho da Escola", de Lorenzo Fernandez; Marcos Kostenbader Valle, com "Sonatina n. IV", de Gurlitt; Carlos Antônio Costa Ribeiro, com "Uma, Duas Angolinhas...", de Villa-Lobos; Déa

Hilda Pessoa de Queiroz.

As Crianças e a Música

Leila Maria Tavares da Silva.



Sylvia Helena Landau.

Marcos Kostembader Vale.

Maria Sá Lessa, com "Briga das Borboletas", de Mignone; Vania Monteiro Rebechi, com "Minueto", de Bach; Maria Viviana Maciel, com "Dança das Borboletas", de Gretchaninoff; e Beatriz Pavie, com "São Nicolau", de Schumann.

Ana Maria Gold Brant.

Ruth Lima.

QUISISANA HOTEL

POÇOS DE CALDAS

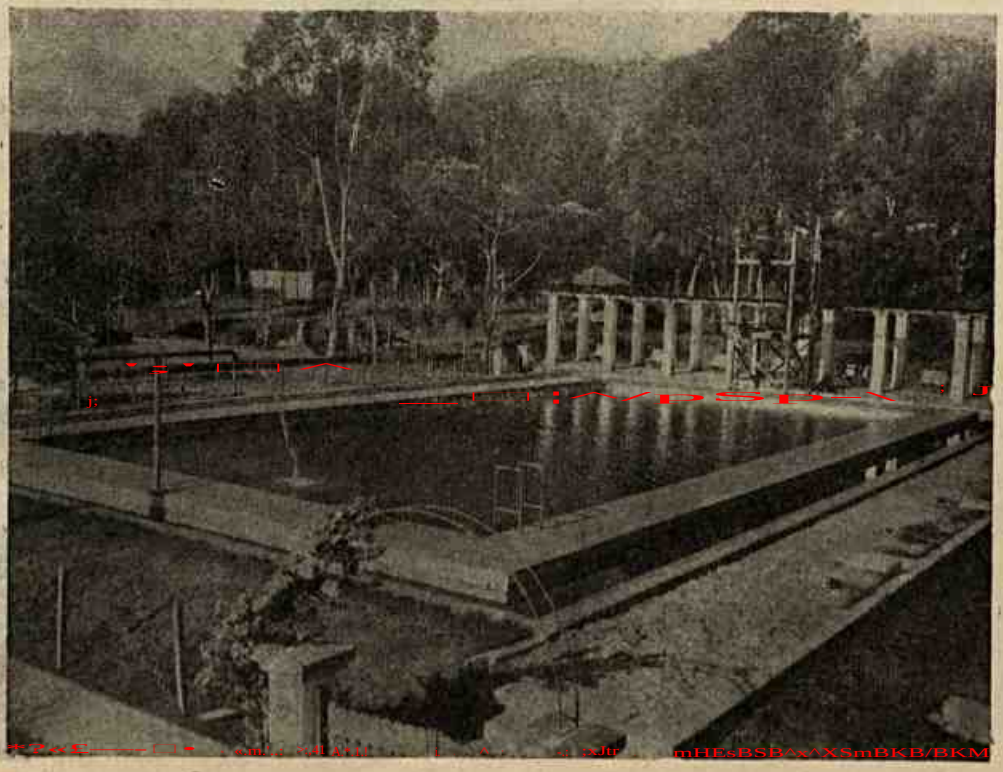
CONFORTO — DISTINÇÃO — GRANDIOSIDADE

BALNEÁRIO DE ÁGUA SULFUROSA – BOITE – CINEMA – PISCINAS
QUADRAS DE TENIS – PARQUES

DIARIAS COM REFEIÇÕES: 1 PESSOA ..... CR$ 150,00
2 PESSOAS ..... CR$ 250,00

CAPACIDADE PARA 800 PESSOAS

INFORMAÇÕES E RESERVAS: EDIFICIO REX – 5.º ANDAR
SALA 501 – TELEFONE: 22-8554



Teatro-"Ballet" e Música

Por OSWALDO DE OLIVEIRA

A DAMA DAS CAMÉLIAS

NO TEATRO MUNICIPAL

O Teatro Brasileiro de Comédia é uma organização que entusiasma. Há idealismo, compreensão artística, disciplina e esfôrço. O seu repertório conta com peças muito melhores do que a escolhida a-fim-de estrear no Rio. Além do mais, tampouco lançaram mão da figura do elenco de maior popularidade: Sérgio Cardoso. Estamos certos de que se tivessem optado por "Seis personagens à procura de um autor", de Pirandello, ou "O anjo de pedra", de Tenessee Williams — duas maravilhas, como conteúdo e forma — outro teria sido o resultado. "A dama das camélias", de Alexandre Dumas Filho, como obra de teatro, pertence ao arquivo. De tal forma o assunto foi explorado, nas mais variadas derivações e particularmente na ópera, que se tornou uma temeridade a re-apresentação, em caráter aparatoso. Sente-se que a direção procurou muito apoio na ostentação dos cenários e no fausto de ricas vestes antigas. Luciano Salce, eficiente orientador de teatro, o qual já conhecíamos através da magistral direção de "O anjo de pedra", esqueceu-se de que criaria assim mais facilidade para o contraste.

A-fim-de que ficasse harmoniosa a lembrança de um todo, seria necessário que a atmosfera interior fôsse profundamente evocativa de uma época. Para isso necessário seria que cada personagem, e mesmo os "extras" fossem grandes atores e tivessem sentimentos para viver no passado. Evidentemente, o que ainda não existe no Teatro Brasileiro de Comédia, mesmo sendo a melhor organização brasileira desta arte, em todos os tempos, é conjunto capaz de traduzir esta grande fôrça cênica.

"Seis personagens" venceu porque as responsabilidades estavam sempre divididas entre os seus três maiores intérpretes: Cacilda, Sérgio e Autran e o elenco menor era relativamente pouco solicitado. Com a ausência de Sérgio e Autran efetuando apenas uma "ponta", além de mais oportunidade para os pequenos papéis, teria de advir o desajuste. E tornou-se mais acentuado pelas fraquíssimas possibilidades do ator Mauricio Barroso, mal escolhido para a parte de Armando.

Fácil é explicar a causa mais grave do insucesso. A peça, conforme todos sabem, exige romantismo. E todas as frases amorosas ditas por Armando, traziam frieza íntima, algidez contagiante. Evidentemente, o distinto rapaz não tem talento para o teatro. Esta é a verdade. Entretanto, poderia ser aproveitado justamente para caracteres inversos ao que foi escolhido. A prova disso residiu, em tôdas as ocasiões em que deveria demonstrar rispidez e indiferença. Nessas passagens esteve perfeitamente aceitável, particularmente na célebre passagem em que atira o dinheiro à sua antiga amante. Ainda assim, o espetáculo pode ser visto por causa de Cacilda Backer. Mesmo tendo de contracenar com um elemento que não poderia sentir o verdadeiro Armando de Dumas, conseqüentemente sem a atmosfera para irradiar a paixão no palco, logrou o autêntico milagre de uma belíssima atuação. A maior atriz do teatro brasileiro, a qual possui classe para brilhar em qualquer platéia, foi uma notável Margarida Gautier. Foi um imenso esfôrço de superação o qual teve o brilho de tornar atraente um espetáculo com tantos pontos fracos. O grande instante do espetáculo foi quando contracenam dois legítimos atores: Cacilda e Autran. Foi uma visão do que poderia ter sido a peça com um conjunto onde todos sentissem as personagens. Além da grande "ponta" de Autran, que subitamente elevou o nível, e com uma única exceção para o desembaraço de Carlos Vergueiro (elemento de qualidades), todos os demais demonstraram fraqueza. Nem um dos outros transmitia a lembrança de vidas e sim que repetiam diálogos muito bem estudados. Assim foram: Elizabeth Henreid (desde o primeiro instante em que surgiu, no primeiro ato), Cleyde Yaconis, Labidy Mady, Maria Lúcia, Wanda Primo, José Scatena, Isidoro Lopes, Rui Cerqueira e outros. Vistosa e sem dúvida bem elaborada a cenografia de Aldo Calvo. Todavia, poderia ter ido além se, deixando um pouco de lado a idéia de impressionar visualmente, se esforçasse mais em busca de uma suave atmosfera evocativa de outros tempos. Enfim, com tôdas as restrições, "A dama das camélias" não deve ser perdida porque há um belo desempenho de Cacilda Becker.

Cacilda Becker e Mauricio Barroso na "Dama das camélias".

A DANÇA ATRAVÉS DOS POVOS

Continua numerosíssima a correspondência de "A dança através dos povos". Na impossibilidade de responder a todos, vamos resumir os últimos informes, em caráter geral, a-fim-de, por intermédio das próprias colunas da seção, todos ficarem satisfeitos.

Apesar do vultoso número de filmes que já se encontram no Rio, especialmente enviados, e cuja relação já publicamos, faltam entretanto outros. Está havendo uma certa morosidade do Govêrno francês no embarque das películas, mesmo com tôdas as providências que foram tomadas, desde há mêses, na Europa quanto mais tarde, pela Embaixada do Rio de Janeiro. Conforme todos devem estar lembrados, no próprio filme da Pavlova também houve uma imprevista demora quando da sua apresentação no Rio.

Temos estado em comunicação com outras Embaixadas. A Itália, que tem danças típicas interessantes, está na mesma situação da França. Da mesma forma a Dinamarca, com um dos conjuntos mais preciosos, no seu gênero, em todo o mundo. Espera-se, entretanto, que até o final da Temporada de "Ballet" do Teatro Municipal, cujo fecho certamente não ultrapassará do dia 20 de dezembro, possa finalmente, nesta base, ser marcada a data do tão esperado acontecimento.

Relativamente ao futuro envio dos convites, a organização vem sendo feita por intermédio da funcionária da revista FON-FON, srta. Aidyge Bastos, com muito cuidado, de sorte a evitar quaisquer imprevistos primários. Como há um livro, com ordem alfabética, onde tôdas as inscrições estão relacionadas, fácil será também substituir qualquer futuro extravio do Correio.

OS CONVITES

Dado o elevado interêsse cultural do empreendimento, aliado ao Festival internacional de Filmes de "Ballet" e, embora esteja esgotada a lotação do Cine Presidente, continua intenso o pedido dos convites. Certamente, sendo tanto o entusiasmo despertado, estão sendo ultimadas as medidas capazes de satisfazer a todos os inscritos. Os pedidos de inscrições continuam sendo anotados, em livro especial, e por ordem alfabética. Conforme já explicamos, o vulto do empreendimento impôs, além daquela sessão, uma outra, em um grande teatro do Rio, a-fim-de melhor cumprir a união com a parte viva do inédito espetáculo no mundo, isto é, a participação do eficiente Corpo de Baile do Teatro Municipal. Como a festividade tem caráter oficial, tudo certamente se acomodará. Os leitores, "Sub-condicione" acima, poderão continuar a escrever, enviando nomes endereços e número de pessoas da família, para "Teatro — Ballet — Música", redação de FON-FON, Rua Pedro Alves, 60, segundo andar.

"THE LITTLE BALLERINA"

Notícia que certamente agradará aos leitores. Enviado pelo estúdio inglês de J. Arthur Rank, a organização do festival acaba de receber uma carta aérea de que foi embarcado o filme de média metragem (perto de uma hora) "The Little Ballerina", com a insigne Margot Fonteyn, a maior bailarina do mundo. Possivelmente, ainda na próxima semana deverão ser embarcados os últimos filmes ingleses como "Giselle", com Markova-Dolin, do produtor Jack Buchanan e "Coppelia", de propriedade de Marie Lambert.

SÃO-LUIZ
FONES: 25-7679 - 25-7459
ODEON
FONE: 22-1308
ROXY
FONE: 27-8245
CARIOCA
FONE: 28-8178
IDEAL
FONE 42-1218
MONTECASTELO
CAPITOLIO
PETROPOLIS
WARNER BROS
JOHN WAYNE
2ª Feira
Aguas Traiçoeiras
PATRICIA NEAL
WARD BOND · PHILIP CAREY
COMPLEMENTOS NACIONAIS

A BARBA DE TUCKLE —:: — (Continuação)

— Maçã! gritou no momento em que abriu a porta. Quem trouxe maçã para cá?

Bessie veio da dispensa.

— Agora vamos parar com isso! exclamou ela. Não fique vociferando para mim dêsse jeito, pai Tuckle! Não há nenhum cheiro de maça aqui para ofendê-lo. Eddie trouxe uma aqui dentro, mas já há muito tempo, apenas para cortar uma fatiazinha para os ratos, e levou-a logo.

O nariz de Amos estava ainda tremendo. Fungou desconfiadamente o ar mas o cheiro da maçã estava de fato muito fraco e êle se acalmou. Êle mesmo dera a Eddie os três ratinhos brancos e não havia nada de mais em que o menino os alimentasse. Eddie guardava-os no barracão e o barracão ficava a dezesseis metros da casa.

— Da próxima vez que êle cortar uma maçã, diga-lhe que vá cortá-la lá fora, e subiu para o seu quarto. Ouviu a voz de Eddie no quarto ao lado e foi ver que estava êle fazendo.

— Estou arrumando o meu cofre, vovô — disse Eddie, olhando-o com rosto animado.

— Muito breve vou morar onde papai está morando. Já arranjamos a casa. Isso era novidade para Amos, mas quando êle foi lá para baixo Bessie lhe contou que Arno encontrara emprêgo.

— Queria dizer-lhe quando o senhor entrou, mas o senhor vinha fazendo uma gritaria tão grande! disse ela. Arno arranjou um bom emprêgo e alugou uma casa que êle acha que serve, mas quer que eu vá amanhã à cidade para vê-la. O senhor pode levar-me de automóvel até a estação, amanhã de manhã?

— O trem sai às nove e quinze, não é? Temos que sair daqui às oito e quinze. Você vai levar Eddie?

— Não, vou deixá-lo com o senhor. Se a casa não servir, êle me atrapalhará, pois teremos que andar à procura de outra.

Na manhã seguinte, às oito e quinze partiram para a estação e Eddie foi para aproveitar o passeio. A mãe, ao entrar no trem, recomendou-lhe que tivesse juizo. Ele afirmou que teria e ficou acenando até que o trem desapareceu, e passando pela cidade, de volta, Amos parou no Dusenberry para botar gasolina. Sam Dusenbery tinha saido, mas sua irmã Myra estava tomando conta do negócio e Amos demorou conversando com ela mais do que costumava demorar com qualquer outra pessoa, a não ser quando falava sôbre a sua barba.

Na volta para casa Eddie falava pelos cotovelos, mas Amos nem o escutava — estava pensando em Myra Dusenberry. Ela não era de todo má, só que não era bonita e tinha mais alguns anos que Sarah Millway. Quanto mais pensava nela, mais se convencia de que ela servia. Pelo menos ela nunca seria capaz de chamar a célebre barba de Crawford County de ninho de ratos.

Na manhã seguinte, Amos tinha resolvido de pedra e cal que Myra Dusenberry servia. Era domingo e depois de ter feito o seu trabalho no quintal, e ter com Eddie comido a refeição que Bessie lhes deixara, resolveu que iria visitar Myra naquela tarde.

— Tenho que ir à cidade hoje de tarde, Eddie, disse ao neto. Você pode brincar quietinho e não cometer travessuras?

— Posso, vovô, posso ficar arrumando o meu cofre.

— Boa idéia.

Foi para fora e tirou a maior parte da poeira do seu carro, limpou os vidros e o para-brisas e depois foi vestir-se. Tirou do armário o seu melhor terno e estendeu-o sôbre o leito, e escolheu cuidadosamente uma camisa bem passada a ferro, uma com colarinho mole. Lavou as mãos e o rosto com cuidado, tirou a roupa de baixo e desenrolou a barba. Tirou um pente da cômoda e penteou-a, passando o pente de vagar desde o queixo até a ponta dos compridos fios. Porque era provável que Myra lhe falasse sôbre a sua barba e quisesse vê-la.

Ouviu Eddie para cima e para baixo nas escadas, carregando os seus pequeninos tesouros para pôr no cofre.

— Bom menino! pensou Amos. Não há muitos como êle.

Pôs o pente de lado e começou a enrolar a barba na taboinha fina. Estava quase terminando quando o nariz lhe começou a tremer. Levantou a cabeça e fungou.

— Maçã! exclamou. Diabo de menino! e gritou: Eddie! mas Eddie não ouvia porque não estava em casa naquele momento. Estava no celeiro procurando a sua pequena locomotiva de lata.

Amos pôs a cabeça para fora do quarto e tornou a fungar. O cheiro de maçã era ali mais forte — embora você ou eu não o tivéssemos sentido — e Amos saiu para o vestibulo. Sabia onde devia estar a maçã e dirigiu-se ao quarto de Eddie. O nariz tremia-lhe vigorosamente mas olhou e não viu maçã nenhuma. Fungou numa e noutra direção, deu com o cofre de madeira em cima de uma cadeira e logo viu onde devia estar a maçã.

A tampa do cofre não estava completamente aberta nem fechada. Estava entreaberta. Na verdade, estava fechada, mas um pedaço de ponta de lapis impedia a tampa de fechar bem, e Amos Tuckle foi até o cofre e levantou a tampa. Mas ao curvar-se o cheiro forte de maçã subiu-lhe ao rosto numa baforada. Viu três ratinhos brancos e uma fatia de maçã, ficou esverdeado e arfante, e o rôlo da sua barba caiu-lhe da mão para dentro do cofre, e a tampa fechou-se com fôrça.

Durante um minuto, que no relógio são sessenta segundo, Amos Tuckle ficou ajoelhado, com as mãos segurando as beiradas do cofre, pensando que ia cair desmaiado, mas depois dominou-se.

— Eddie! chamou com voz fraca, e depois: Eddie! mais alto. Tornou a gritar: Eddie! com o máximo de voz. Edie estava ainda no celeiro e não ouvia Amos Tuckle.

O que Amos Tuckle disse a seguir não será jamais impresso nesta página limpa. Que palavras chocantes na boca de um avô! pelo menos o queixo dêle se chocava, pois que a cada movimento para pronunciá-las essa parte de seu rosto tomava um choque. Apenas a pontinha da barba ficara prêsa dentro do cofre. Cada abrir da boca representava um puxão na barba. Ficou ajoelhado com as mãos nos cantos do cofre, arquejando como um touro seguro pelo focinho a um poste.

— Eddie! berrou êle. Oh, Eddie! Ed-die! Ed-DIIIII!

Com grande cuidado, Amos Tuckle segurou a barba junto ao queixo e puxou delicadamente, mas a tampa estava bem prêsa. A tampa tinha uma beirada saliente; apertava mais que uma ratoeira.

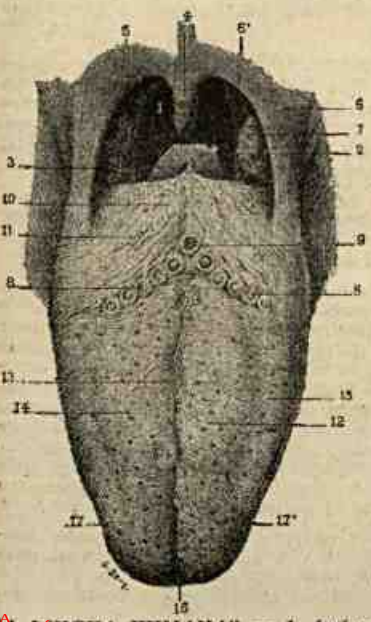
— Eddie! Eddie! Eddie! rugia o sr. Tuckle, e lá fora no celeiro Eddie — bom menino — estava sentado no chão fazendo correr a sua locomotivazinha de lata ao longo de uma tábua, dizendo: Shuishuishuiding-ding! Nem estava se lembrando do avô. A posição de Amos Tuckle era a mais incômoda. O chão duro feria-lhe os joelhos, a nuca começou a doer-lhe, e foi aí que êle se lembrou dos três ratinhos brancos. Com aquêle — (Continua na página 22)

A Vida e os Nossos FILHOS

Por HUMBERTO BALLARINY

Médico especializado em idade escolar. — Do Instituto de Endocrinologia da Santa Casa.

A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NA ALIMENTAÇÃO



"A LÍNGUA HUMANA" — 1, faringe; 2 e 3, epiglotis; 4, úvula; 5 e 6, véu do paladar; 7, amígdala; 8 e 9, papilas caliciformes formando o "V" lingual; 10, porção da língua que no fundo da garganta fica vertical; 11, glândulas do paladar amargo; 12, glândulas do paladar doce; 13, sulco central da língua; 14, papilas fungiformes; 15, papilas coraliformes; 16, ponta da língua; 17, bordos direito e esquerdo.

EM prosseguimento às exteriorizações dos sinais de desnutrição encontrados na bôca, trataremos hoje do exame da língua.

No tempo dos nossos tataravós já os médicos começavam o exame de seus doentes, pedindo que lhes mostrassem a língua, e estando a mesma suja, invariàvelmente diagnosticavam mal nos intestinos, e "zás", indicavam um purgativo como primeira medida terapêutica. Êste hábito persiste até hoje entre aquelas mamães, que se julgando auto-suficientes, sempre medicam seus filhos antes de chamarem o facultativo, medida de que só lançam mão quando as coisas complicam. Com êste proceder, muitos erros são cometidos, prejudiciais à saúde daqueles entes queridos. Para exemplificar, tomemos o caso das alterações da língua.

Na figura em anexo vemos uma língua de aspecto normal, onde, descrevendo o significado dos números nela existentes, daremos ao leitor uma ligeira idéia da importância dêste órgão nos fenômenos da nutrição.

Na 1.ª fase da digestão que se processa na bôca, ao lado da função dos dentes em triturar os alimentos, a língua desempenha o papel mais importante, pois umedece as partículas nutritivas, impregnando-as com a saliva, iniciando a formação do bôlo alimentar. A progressão do mesmo para a garganta é feita à custa da contração dos músculos da língua e dos movimentos das papilas coraliformes (n.º 15 da gravura. A salivação provém das glândulas parótidas, sub-linguais e submaxilares, encontradas na bôca, porém a própria língua possui no seu corpo glândulas cujo líquido é vertido na superfície, para desempenhar um importante papel no paladar. Estas glândulas são de duas naturezas: umas encontradas para trás do V lingual, n.º 11, são as responsáveis junto com as papilas caliciformes ns. 8 e 9, pelo paladar amargo; outras (n.º 12) se acham entre as papilas caliciformes que formam a figura de um V invertido (Λ), e a ponta da língua. São as responsáveis, agindo em conjunto com as papilas fungiformes, pela sensação gustativa dos adocicados, corais), são musculares e a função das mesmas é impelir o bôlo alimentar para o fundo da garganta.

O gôsto amargo, doce, azêdo ou salgado, só será sentido, quando a substância posta em contacto com a superfície da língua ficar umedecida pelas secreções das suas glândulas.

Quando, por motivos anormais, a língua está recoberta daquela saburra grossa e esbranquiçada, as glândulas ficam obstruídas e o indivíduo perde o paladar.

Êste fenômeno não indica sempre mau funcionamento intestinal, mas sim incapacidade das glândulas em manter os receptores gustativos limpos de impurezas.

Outras vêzes a falta de vitaminas entraquece a mucosa da língua e a mesma aparece com erosões que irritam as papilas gustativas, daí a explicação da ardência que em certas ocasiões sentimos ao contacto dos alimentos com a mucosa da bôca.

Na anemia e em outros estados de desnutrição, a língua se apresenta lisa, sêca, rosada, sem aquêle aspecto semelhante ao morango, porque as papilas desapareceram e as glândulas deixaram de segregar.

A inapetência e a falta de paladar até para os pratos da sua preferência, constituem o martírio das cuidadosas mamães. Nestes casos a si-

As papilas, se deve a superfície enrugada da língua normal. Elas são de três tipos: As caliciformes (feitio de cálice), em número de 9, formando o V lingual, e as fungóides (em forma de cogumelos), possuem no seu interior os corpúsculos do paladar. O terceiro tipo, as caliciformes (semelhantes às formações tuação só melhorará com o tratamento da anemia.

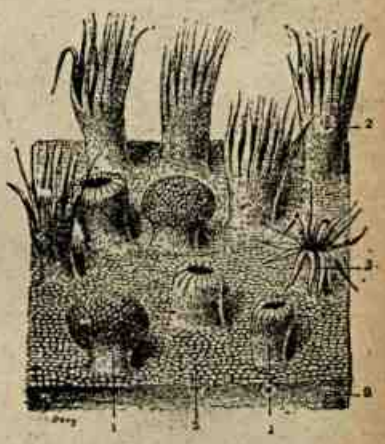
Quando a criança tem falta de vitamina C, então a língua fica vermelha como uma framboêza, e sangra com facilidade. Na falta de proteínas, é comum uma língua pálida, esbranquiçada, edemaciada, onde as marcas deixadas pelos dentes custam a desaparecer. Se a estas crianças fôr ministrado um purgativo, a situação só irá piorar.

Na avitaminose B, conhecida com o nome de "pelagra", a língua pode ficar com uma coloração escura e em certos casos tornar-se mesmo bem negra. Completando assim os sinais da má alimentação encontrados na bôca, continuaremos no próximo número com as lesões ósseas devidas à desnutrição.

*

A seção "A Vida e os Nossos Filhos" constará de um artigo semanal sôbre assuntos ligados ao título, ou as respostas de consultas, endereçadas pelos leitores ao Dr. Humberto Ballariny — Redação de FON-FON — Rua Pedro Alves, 60 — Distrito Federal.

DR. DURVAL G. MONTEIRO — Cuiabá, Mato Grosso — Mande dosar o coleterol sanguíneo e submeta sua filhinha a um exame de metabolismo basal, para firmar o diagnóstico da doença de tireóide e depois escreva dando os resultados e mais detalhes sôbre o caso.



"PAPILAS LINGUAIS" — 1, papilas fungóides, verdadeiros cogumelos que em contacto com os alimentos dão as sensações gustativas para o doce e salgado; 2, 3, 4 e 5, as papilas coraliformes nas diversas posições que assume no trabalho de varrer o bolo alimentar para o estômago.

dilúvio de barbas sedosas, que fariam êles senão começar logo a fazer um ninho no cantinho do cofre?

— Uhs! shu! gritou o sr. Tuckle, e bateu no cofre. Estava batendo na tampa do cofre quando Eddie veio pela escada e parou, espantado, na porta. Segurava a sua locomotivazinha.

— Que é que você está fazendo no meu cofre, vovô? Está brincando com os meus ratinhos?

— Ora bolas! exclamou Amos Tuckle amargamente, virando a cabeça para o lado o mais que podia. Não vê que a minha barba ficou prêsa dentro do cofre? Vá buscar a chave.

— A chave não está comigo, vovô. Pus dentro do cofre para não perdê-la.

— Vá buscar um formão ou coisa que o valha, ordenou Amos, mas vá correndo. Lá fora no barracão.

— Pois não, vovô, e Eddie saiu correndo, pois viu que não havia tempo a perder.

O sr. Tuckle recomeçou a bater na tampa do cofre mas os joelhos doiam-lhe agora insuportàvelmente e êle tateou até encontrar as duas alças de ferro, dos lados do cofre. Conseguindo com dificuldade pôr-se de pé, suspendeu o cofre. Mantendo-o bem junto ao rosto — não porque preferisse essa posição mas sim porque a barba não lhe permitia outra — colocou o cofre na cômoda de Eddie.

Quando Eddie voltou com um formão Amos estava batendo no cofre com uma escova de cabelo, que deixou de lado preferindo o formão. Na primeira tentativa viu logo que o formão não abriria o cofre mas insistiu várias vêzes antes de desistir.

— Quer que eu tente, vovô? perguntou Eddie.

— Saia de perto de mim, ordenou Amos. Vá embora! Deixe-me pensar no que devo fazer!

Por cima da tampa do cofre Amos viu seu rosto no espêlho de Eddie e acalmou-se intantâneamente. O rosto estava contraído com a emoção e êle sentiu-se envergonhado.

— Venha cá, Eddie, disse com um voz mais delicada. A barba de vovô ficou prêsa no cofre e é preciso tirá-la. Abra bem a porta, Eddie; tenho que ir ao meu quarto.

Eddie manteve a porta aberta enquanto Amos carregando bem alto o cofre, saiu para o vestíbulo e foi para seu quarto. Colopando o cofre em cima de sua cômoda, o sr. Tuckle ficou um ou dois momentos esfregando a nuca.

— Agora vovô tem que se vestir, Eddie. Você me estende a camisa que está aí em cima da cama e desabotôa todos os botões, para vovô.

Que trabalhão entrar na camisa, travado na barba, mas Amos conseguiu meter-se nas calças, no colête e no paletó também. As meias e os sapatos foram ainda dificeis mas êle conseguiu, colocando o cofre numa cadeira e esticando uma perna de cada lado e pondo as mãos dos lados da cadeira. Eddie batia no cofre para interessar os ratos em outra coisa que não fôsse a construção de um ninho.

— Agora vamos para a cidade, Eddie. Vista seu capote enquanto vovô veste o dêle. Você vai na frente do vovô e toma cuidado para que êle não pise em nada.

E assim o sr. Tuckle, precedido de Eddie, dirigiu-se ao seu automóvel, partindo para a cidade e para a serralharia de Henry Grimshaw. Infelizmente o sr. Tuckle só podia colocar o cofre uns centímetros acima do nariz, e isso significava tê-la em cima do volante e o volante tinha o botão da buzina na parte de cima, de modo que a buzina ficou tocando alto e continuamente, causando efeito de sereia de incêndio. Como o cofre não estava bem equilibrado em cima do volante e como o sr. Tuckle não podia ver bem por cima do cofre, tinha que guiar devagarzinho. E assim foi para a cidade, deixando uma longa fita sonora pelo caminho.

A loja de Henry Grimshaw estava fechada, pois era domingo.

— Bem Amos — disse Ben Jenkins, um dos vinte ou mais homens que se juntaram em tôrno do automóvel — estou vendo uma ponta de lápis para fora do cofre, mas isso não solta a sua barba. Vamos chamar Henry. Acho que sei onde êle está, em casa de Sarah Millway, na certa.

Meia hora depois Ben Jenkins parou o seu carro no ponto onde Amos estava, sentado numa caixa defronte à loja de Henry Grimshaw, com o cofre no colo, mas não trazia Henry consigo.

— Êle disse... êle disse — e repetiu saboreando as palavras — que trabalhar em dia de domingo não é com êle. Mandou dizer que se você quiser vir amanhã à loja dêle, terá muito prazer em afiar bem uma faca para abrir o cofre. E fará preço camarada para você.

— Foi tudo o que êle disse? perguntou Amos Tuckle.

— Bem... não, — disse — Ben Jenkins, rindo — Êle disse que era isso o que um bode velho merecia, carregando um molho de alfafa sêca desse jeito, e admirou-se de que isso não tivesse acontecido há mais tempo.

— Sarah estava lá? perguntou Amos.

— Claro.

— Que disse ela?

— Bem, ela não disse grande coisa. Henry riu a grande e ela parece que não gostou muito. Disse assim: "Você devia ficar envergonhado de rir de um homem quando êle se encontra na aflição, Henry Grimshaw." E saiu, batendo a porta.

— Ela fez isso, fez? disse Amos Tuckle, e levantou-se, suspendendo alto o cofre. Voltou-se para Tom Roberts, o barbeiro. — Com certeza os — (Conclui na página 48)

decoração

O A B C DA DECORAÇÃO

NA arrumação da sala de jantar existem dois móveis cuja colocação está de ante-mão determinada, são êles: a mesa e o buffet". A mesa que, em geral, fica situada ao centro da sala, e o buffet que é colocado ao centro de uma das parades, e num eixo da mesa.

Se houver uma lareira, obteremos um ótimo equilíbrio colocando o buffet na parede em frente a esta. Como o buffet, quase sempre, é a peça mais volumosa da sala, êle deverá representar o centro de interesse. A mesa de jantar, neste caso, não tem tanta importância, passando para o segundo plano, devendo ficar mais perto da porta da copa.

Uma mesa quadrada ou retangular é geralmente mais agradável do que uma mesa redonda, apesar desta última ser mais flexível na sua adatação.

As mesas que têm um só pé central, são mais convenientes, porém o seu valor decorativo é inferior a mesa de quatro pés. Se escolhermos uma sala de jantar em estilo inglês ou italiano, poderemos usar uma mesa comprida semelhante as que se usam nos mosteiros europeus da Idade Média. Esta mesa é feita de tábuas largas pesadas, (mais ou menos de quatro ou cinco centímetros de espessura) e têm quatro ou oito pés, ligados entre si por uma outra tábua que interfere com os pés das pessoas sentadas à mesa. Para se ser rigoroso com êste estilo deveríamos usar um banco comprido e baixo e sem encôsto, no lugar de cadeiras.

Êsse rigor exigido nos mosteiros é de aspecto interessante, mas representa um sacrifício demasiado para o confôrto de nossos dias; são geralmente substituídos por cadeiras com as linhas características, violando assim o estilo puro.

Nos apartamentos modernos a mesa de refeições tomou um aspecto muito mais prático: passou a ser uma peça de adôrno útil mais do que uma mesa para refeições. Não se usa mais aquêle acúmulo de cadeiras em volta da mesa, nem salas especiais para jantar, a não ser em grandes apartamentos ou casas. Os contemporaneos evitam esta arrumação solene. O espaço desperdiçado por estas mesas grandes e por cadeiras que são apenas usadas por uma ou duas horas por dia, foram excluídos das plantas dos "livings" modernos.

A mesa convencional, que ficava desgarrada do resto do mobiliário, está agora integrada na composição do ambiente: foi substituída por mesinhas ou mesas consolos.

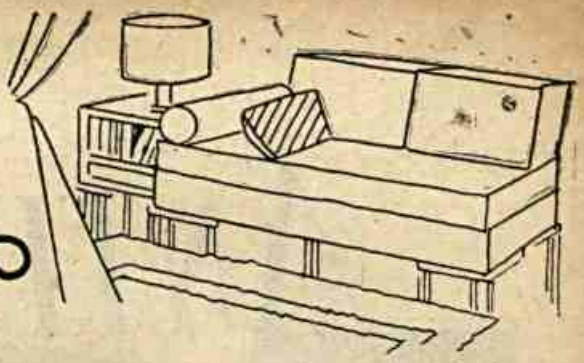
SUGESTÕES PARA ARRANJOS DE NATAL

Como o Natal é uma festa de família, devemos procurar fazer em nossa casa um ambiente alegre e convidativo aos nossos, para que tenhamos, juntos, as alegrias dos serões familiares. Façamos, pois, trabalhar a nossa imaginação... Tentemos expressar esta alegria por meio de arranjos de flores, da composição dos presépios, pequenas lembranças arrumadas com papéis coloridos e lindas fitas, uma ceia convidativa, e uma bonita árvore de Natal...

Tudo isto deve ser feito para que os membros da família sintam um prazer todo especial em seu lar. Êstes serões devem ser coroados de felicidade, pois nesta data tão bela para as famílias, todos devem reunir-se para pedir à Deus que sempre abençôe os seus lares.

OUÇAM, as têrças-feiras, pela Rádio Mayrink Veiga, a sua PRA-9, às 14,30 horas, o programa DECORAÇÃO DO LAR, na palavra de d. Yeda Fontes.

do LAR



Colaboração de YEDA FONTES.

Ilustração de Carlos Fernando.

Vamos fazer um Natal bem brasileiro!... Deixemos a neve lá bem longe... Façamos a festa e os arranjos a nossa moda...

Para que as "lapinhas" e as nossas rabanadas nos façam lembrar as histórias do "bumba-meu-boi"!...

Devemos incutir esta festa no espírito da criançada de hoje, para que não morra, como vão morrendo as nossas tradições...

ARRANJOS DE NOSSA MESA PARA O NATAL

Ponha a mesa grande em um canto, faça uma árvore de natal de um metro de altura e embaixo arrume um pequeno presépio. No espaço restante, neste canto, coloque os presentes deixando alguns para ficarem no chão, procurando dar um toque original e despretencioso. Na parte da mesa que ficou livre, organize a ceia.

Compre uma árvore de Natal e decore com doces, castanhas, nozes, em vez de bolas e objetos; como neve deixe caír sôbre a árvore alguns fios de ovos.

CENTRO DE MESA

Corte pequenos galhos de pinheiro ou cedrinho, arrume-os em posição horizontal ao comprido da mesa, e no centro com pequenos cachos de mamona pintados de vermelho e prateados, faça um centro de mesa bonito, original, sugestivo e pouco dispendioso.

* * *

Arranje um galho grande de árvore, mas que seja sêco, e pinte-o de dourado ou prateado, enfie-o dentro de um jarro com areia, para que o galho fique equilibrado, pendure nêle os enfeites de Natal.

Na base coloque flores da época, galhos de pinheiro, ou ainda de cedrinho.

MESA DE NATAL PARA CRIANÇAS — Uma armação de tábuas tendo o centro aberto para colocar pequenos patinhos. (patinhos de verdade). Nêste centro há um engradado onde ficam os patos. Há ainda uma árvore de Natal com todos os enfeites. Quanto aos enfeites da mesa ficam ao critério de cada um.

ANTISARDINA

DETEM A MARCHA DO TEMPO!...

Afirma a Exma. Senhora Dna. América Brandão Marques da alta sociedade paulista:

"Como paramense que sou, orgulho-me com a vossa industria, que também tem por berço o Parana, e não posso fugir do desejo de tornar publico os benéficos resultados que venho obtendo com o uso de ANTISARDINA.

Há mais de vinte anos uso diariamente êsse extraordinário creme que tem as propriedades de não só corrigir as imperfeições da pele, como também de prolongar a juventude de nossa cútis, como bem patenteia a fotografia que junto a esta vos envio e ofereço para fazer dela o uso que vos convier.

Quero que as minhas patricias de todos os recantos do Brasil, saibam que com ANTISARDINA consegui deter a marcha do tempo prolongando a minha mocidade."

América Brandão Marques.

São Paulo, 14-10-51

MODAS DE FON-FON

Segredos...

UMA de nossas leitoras escreve-nos, perguntando de que deve constar o enxoval de uma noiva. A verdade é que a resposta para tal pergunta depende de uma série de fatores, que não permite formar um esquema rígido sôbre o assunto. Podemos dizer que o enxoval de uma noiva compõe-se de duas partes: uma correspondente à roupa de cama e mesa e outra correspondente ao guarda-roupa pessoal. Tanto uma como a outra parte, estão ambas na dependência das posses econômicas de cada mulher.

De uma maneira geral, a noiva deve levar, em seu enxoval de cama e mesa, uma dúzia de cada peça — lençóis, colchas, fronhas, toalhas, etc. — ou então meia dúzia, de acôrdo com a sua situação financeira, fator êste que também preside o material de escolha.

Quanto ao guarda-roupa pessoal, não só está em função do lastro econômico, como também em função do modo de vida da mulher que se casa. Tratando-se, por exemplo, de uma mulher que irá se dedicar só e exclusivamente ao lar, no seu guarda-roupa deverá existir roupas domésticas numa percentagem maior que as roupas de passeio, isto é, vestidinhos de algodão, aventais, calças compridas, quimonos, "tiseuses" e "deshabillés". Em caso contrário, tratando-se de uma mulher que prosseguirá em seu trabalho fora do lar, seja êle comercial ou artístico, naturalmente o seu guarda-roupa deverá possuir maior estoque de vestidos de rua, sobretudo de saias, blusas e vestidos transformáveis.

Ao lado dêsses elementos, que constituem a base do guarda-roupa pessoal, a noiva deverá incluir vestidos de viagem e "week-ends", pois, qualquer que seja o nível econômico do homem, sempre há o necessário para uma viagem de lua de mel, mais longa ou menos longa, mais dispendiosa ou menos dispendiosa, conforme as posses do noivo. Além disso, a mulher que se casa nunca deve encher o seu guarda-roupa de vestidos caros e pouco úteis, a menos que pertença a um nível social de vida intensa, que lhe exige a presença em chás, reuniões, tardes turísticas, teatros, etc.

Como a leitora poderá concluir por estas palavras, o enxoval de uma noiva é muito variado, não limitado por fronteiras rígidas, dependendo, como vimos, das posses econômicas dos nubentes e do seu modo de vida. — G.B.

Vestido de shantung, com drapeados na blusa que se prolongam num pano sôlto sôbre a saia. — Manequim 44, moldes de 14 a 19, no Suplemento anexo.

Vestido de alças, com bolero. Bôlso aplicado e recortes na saia. Costuras pespontadas. Manequim 46, moldes de 5 a 13, no suplemento anexo.

esta é a sua Oportunidade!

Durante um período especial, as máquinas ELNA serão vendidas sem entrada inicial, podendo a Sra. comprar a sua ELNA em suaves prestações mensais. Esta é a oportunidade que a Sra. esperava. Não a deixe passar, fazendo hoje mesmo uma visita à loja ELNA e inscreva-se no novo plano de pagamento.

ELNA

É MODERNA, ELÉTRICA, PORTATIL.

- A única máquina de costura que dispõe de uma "maleta conversível"!
- Realmente portátil, pesa apenas 6,5 quilos!
- Não incomoda ninguém. Motor elétrico e silencioso!

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração da ELNA em sua residência.

Nome:
Endereço:
Cidade:
Estado: Tel.:

COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro Av. Calógeras, 23 - Tel. 32-6642
São Paulo Rua 7 de Abril, 248 - Tel. 34-8151
Belo Horizonte Rua Tamoios, 90 - Tel. 2-1930
Porto Alegre Rua dos Andradas, 1538 - Tel. 9-1643
Recife Rua da Concordia, 143
Curitiba Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4-1774
Juiz de Fora Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 108 - Tel. 1636
Santos Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - Tel. 2-7458
Salvador Ed. Ed. Sul América - Trav. Bonifácio Costa, 2 - salas 513/515

1 *NORA P. L. RIBEIRO — (Natal — RGN) — Vestido de linho, frente única, de côr vermelha, com uma grande gola em fustão branco. Botões pretos brilhantes. Pode ser acompanhado por um bolero.*

2 *LUIZA DORFMUND — (Campo Largo — Paraná) — Vestido de linho, com recortes plissados na blusa e um largo babado também plissado na saia.*

3 *RACHEL HORTA — (Termas de Lindoia) — Vestido de chiffon rosa com drapeados no busto que se prolongam numa "écharpe". Saia larga, com bastante franzido e anágua para armá-la.*

últimas creações de C. DIOR

1 MARIA DE CARVALHO — (Pará de Minas) — Eis o modêlo que nos pediu, bem próprio para o seu tipo e para uma recepção cerimoniosa. É executado em tafetá verde-claro, mangas três-quartos e uma "écharpe" verde-escuro no decote; saia larga, pregueada na frente.

2 YOLANDA VERNIER — (S. Paulo) — Vestido de "faille" azul, blusa trespassada, saia godé, com um reconte lateral abotoado.

3 ISAURA DE SOUZA — (DF) — Modêlo em "faille" ou tafetá amarelo, com original recorte no busto. Saia godé em pregas.

1 NADIR SILVEIRA MOURA — (DF) — Vestido em flamenga azul-claro, com uma pala, abaixo da qual todo o modêlo é plissado. Prega na frente abotoada.

2 CYCILDA VERÇOSA — (Recife — P) — Modêlo em tafetá com estamparia miúda, blusa frente-única e bolsos em fenda na saia. Sôbre o busto um casaco, cuja basque se drapeia em um nó.

1 *Vestido em algodão escocês, cuja frente se abre num peitilho de fustão branco, que se prolonga pela saia, imitando "manteau". Bolsos na saia.*

2 *Em dois tons de linho, violeta e vermelho, êste vestido tem uma inscrustação na frente, que termina em "V" na saia.*

3 *Uma farta "écharpe" de organza de pastilhas cruza-se no busto dêste modêlo justo de linho, caindo lateralmente num "panneau" godê.*

4 *Vestido de praiana, abotoado na frente, com bolsos aplicados na blusa e recortados na saia. Punhos abotoados.*

5 *Vestido de linho preto sem alças, acompanhado por casaco amplo no mesmo tecido, amarelo e azul.*

6 *Vestido de linho marrom com peitilho e barra recortada da saia em linho branco.*

1 *CLESITA CARDOSO — (Sorocaba — S. Paulo) — Gracioso conjunto, formado por uma ampla saia de fustão branco, em pregas largas. Blusa em fustão listrado, com guarnições no tecido da saia.*

2 *LISTTE LUZ — (Florianópolis) — Em organza branca, êste modêlo tem uma blusa-chemisier, com dupla fileira de botões. Mangas compridas, com punhos. Saia bem farta, com ordens verticais de rendinha franzida.*

1 *ROSA CUNHA — (DF) — Vestido de alça em shantung estampado. Para cobrir os ombros, uma gola original envolve as alças e abotoa-se sôbre si mesma.*

2 *MARIA DE LOURDES C. DE PINA — (Santos — São Paulo) — Modêlo em linho, com o corpo todo nervurado. Costuras pespontadas.*

3 *VERA LOPES — (?) — Vestido em shantung de seda, saia godê e guarnecido por ordens de nervuras.*

1 *ENELZITA FORMIGHIERI — (Videira — S. Catarina) — vestido de linho verde, estilo masculino, com um peitilho branco simulando colete.*

2 *ARLETE DE SOUZA — (DF) — Modêlo em seda pesada, decote em "trou de serrure" e duas abas na saia, que abotoam sôbre um panto plissado.*

3 *ZELITA DA SILVA — (DF) — Modêlo em "faille" verde-claro, decote amplo com gola e dois recortes abotoados, que vão terminar em duas pregas bem fundas.*

Ofereça

Meias...

O presente que agrada sempre!

Presentear, no Fim do Ano, constitui um problema de difícil solução, pela escolha do presente a oferecer. Êste ano, nós lhe sugerimos, meias OLGA! Para Senhoras, Homens ou Crianças!

Em cada 9 pares mais um grátis

ATRAÇÕES OLGA 1952

Olguinha	Cr$ 32,00
Casino	Cr$ 37,00
Malha 60 x 15	Cr$ 49,50
15 Denier's-Luxo	Cr$ 58,50
Olga Ouro	Cr$ 75,00
Hollywood 66 x 15	Cr$ 89,50
Decoradas desde	Cr$ 98,00
H.M.L. 66 x 10	Cr$ 110,00
Indesfiáveis U.S.A.	Cr$ 140,00

e mais 65 tipos diferentes.

66 Gauge
15 Denier's
Cr$ 68,50

Meias Olga
Um "Sonho" em Nylon
Um "Real" Presente

casas olga

AV. RIO BRANCO, 119 — RUA DO OUVIDOR, 122
RUA URUGUAIANA, 20/22 — RUA 7 DE SETEMBRO 133

Voga Publicidade

Chapéus

1 *Accessórios encantadores surgem nesta estação. Êste original chapéu, cuja aba é tôda coberta de flores campestres, sugere paisagens deliciosas. Kislav completou a "toilette" com um par de magníficas luvas de suede cinza-pérola.*

2 *Irene de Nova Iorque, apresenta êste sugestivo modêlo para a atual estação. É um pequenino toque em palha preta debruada com veludo da mesma côr. Violetas em seda preta, num lindo ramo e espalhadas com descuido sôbre a copa, tornam esta criação mais sofisticada.*

3 *Mr. Fred, de John Frederics, inspirou-se nesta estação do ano para fazer êste chapéu. É uma pequena boina de palha cinza, tendo como único enfeite uma rosa de veludo rosa-pálido. Um fino véu côr-de-rosa, contorna o chapéu caindo ligeiramente sôbre o rosto.*

4 *Idealizado por Dons Marshall, êste modêlo fez grande sucesso num desfile em Nova Iorque. É uma cartolinha de palha trançada arrematada com um interessante ramo de flores campestres de crochê em palha. Um véu da mesma côr da palha, cobre a aba, caindo ligeiramente na testa. — (Foto Apla).*

1 Em "jaille pervenche", com nervuras e enfeites em forma de dentes de serra.

2 Vestidinho em tecido amarelo sêco, com viêzes marrom e pences na saia e no corpo.

3 Uma fita estreita de veludo preto prende o volant franzido dêste modetinho em crepe da China cereja.

4 Um "panneau" eviezado dá originalidade a êste vestidinho em fazenda escocesa.

CRIANÇA BEM VESTIDA ENVAIDECE OS PAIS

Sugestões da

Casa Valentim

VESTE AS CRIANÇAS DO BRASIL

Atendemos pelo Reembolso Postal — Solicite Catálogo ao Departamento do Interior — Rio — Rua Sete de Setembro, 122 a 128 — Matriz

FILIAIS

São Paulo
Rua Líbero Badaró, 126

Belo Horizonte
Av. Afonso Pena, 543

Porto Alegre
Rua Andradas, 1625

Modêlos Infantis

por CLELIA CLAY

Para as festas infantis sugerimos, para a sua filhinha, êste encantador modêlo em organdi branco bordado, com saia franzida e blusa guarnecida de entremeio de renda enfeitado com fita de cetim côr-de-rosa, que dá um vistoso laço do lado esquerdo. O decote, as mangas e o babado são arrematados com fina renda branca.

Interessante modêlo para menina, próprio para a praia ou para sair nos dias quentes de verão — dependendo do comprimento da saia, que, se fôr mais curta, como no que se exibe a "estrelinha" Mary Jane Saunders, estará apropriado para a praia e, se fôr mais comprido, conforme mostra o mesmo modêlo ao lado, servirá para sair — confeccionado em alegre fazenda de algodão estampado, com saia godê e corpo de "lastex".

método FON-FON de corte e costura

LIÇÃO IV

Utensílios de costura

Continuamos hoje com o mesmo assunto da lição passada, que, por ser um pouco extenso demais, foi subdividido em mais de uma lição. Vejamos, pois, os demais utensílios.

AGULHAS — As costuras feitas à máquina são, em geral, destinadas a armar o vestido. Para os arremates, como o chuleio, as bainhas, o pregamento de botões etc., a costura é feita à mão. Para isso são usadas as agulhas, naturalmente. Não esquecer porém, que é essencial usar agulhas que sejam adequadas ao fio e ao tecido com o qual se vai trabalhar. Para as costuras delicadas e para os tecidos que marcam muito, como o "faille", por exemplo, as agulhas finas são aconselháveis. Para as costuras comuns, as de n. 7 são bem indicadas. Devem ser de aço de boa qualidade, pois duram mais e não entortam com muita facilidade. Para que não se enferrugem, os pacotes de agulhas devem conservar-se fechados, sempre que não estejam em uso. Mas, se por acaso, a agulha enferrujar, deve ser polida com esmeril.

LINHAS — A espessura da linha deve combinar bem com o tamanho das agulhas. Nada mais incomodo do que transformar o momento de enfiar a linha na agulha, numa verdadeira acrobacia de mãos e olhos. E isso é o que acontece quando se compra linha grossa demais para o fundo da agulha que se pretende usar. É preciso também muita atenção na escolha da linha, que deve ser de côr bastante parecida com a da fazenda, para que os pontos não fiquem muito visíveis. Para os alinhavos, porém, deve-se usar linha de côr diferente, para que se tornem bem destacados. De uma maneira geral, para os alinhavos, usa-se linha branca nos tecidos pretos ou de côr escura, e linha preta nos brancos, ou de côr clara.

DEDAL — Eis um conselho para as nossas leitoras, sobretudo para aquelas que ainda não estão acostumadas a trabalhar com o dedal: adquiram um e se familiarizem com o seu uso. É, na verdade, um hábito útil o emprêgo do dedal, porque protege a extremidade do dedo e favorece a rapidez da costura. Usa-se o dedal no dedo médio. Quando apresentar alguma aspereza que possa prejudicar o tecido, o mal pode ser remediado, eliminando-se tal aspereza com o auxílio de uma lima de unhas.

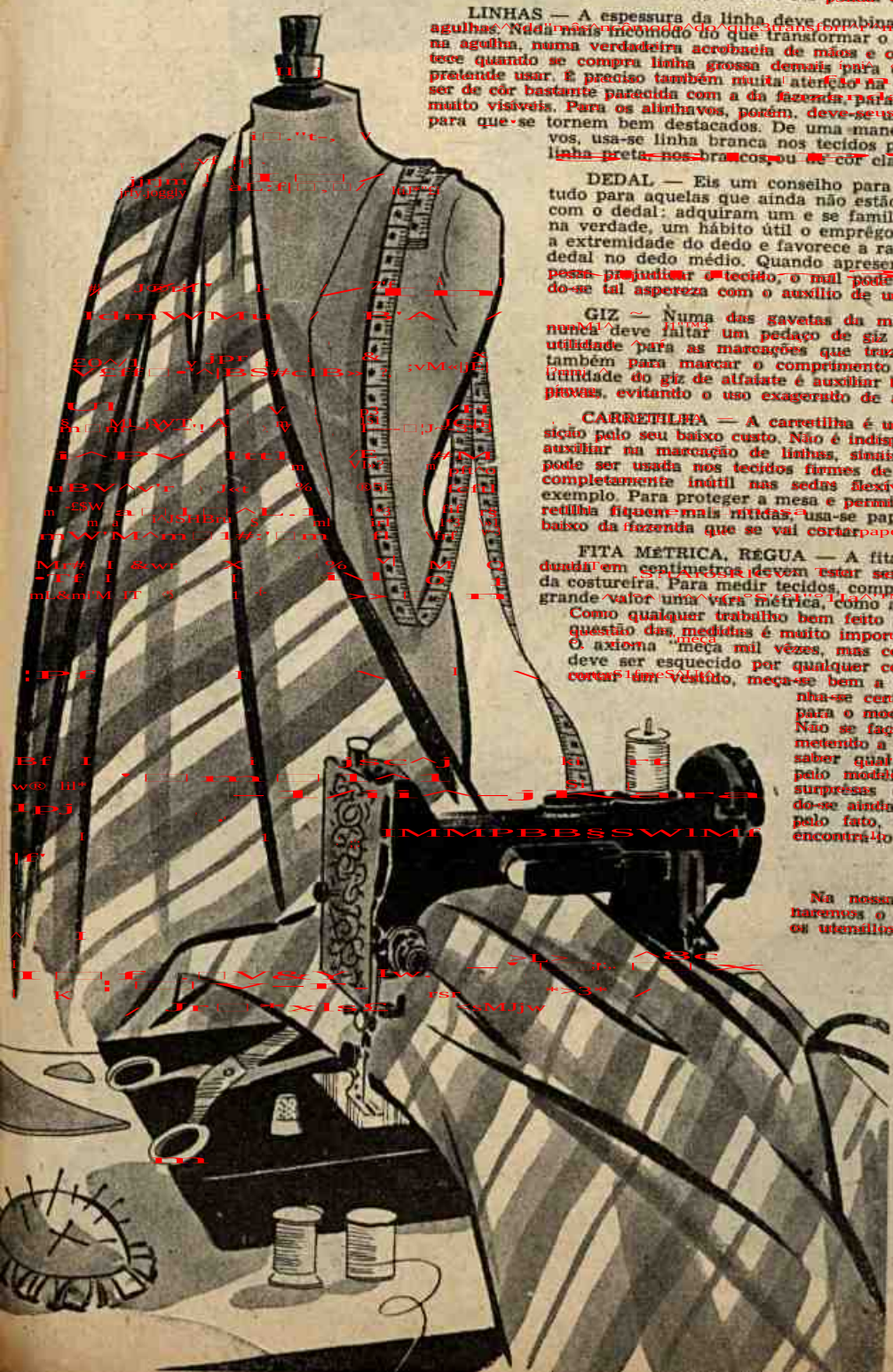
GIZ — Numa das gavetas da máquina de quem costura, nunca deve faltar um pedaço de giz de alfaiate. É de grande utilidade para as marcações que trazem os moldes e servem também para marcar o comprimento das saias. Outra grande utilidade do giz de alfaiate é auxiliar bastante as marcações das provas, evitando o uso exagerado de alfinetes.

CARRETILHA — A carretilha é um utensílio de fácil aquisição pelo seu baixo custo. Não é indispensável, mas é um ótimo auxiliar na marcação de linhas, sinais etc. É evidente que só pode ser usada nos tecidos firmes de algodão ou linho, sendo completamente inútil nas sedas flexíveis, como o jérsel, por exemplo. Para proteger a mesa e permitir que as marcas da carretilha fiquem mais nítidas, usa-se papelão ou mata-borrão por baixo da fazenda que se vai cortar.

FITA MÉTRICA, RÉGUA — A fita métrica e a régua graduada em centímetros devem estar sempre ao alcance da mão da costureira. Para medir tecidos, comprimento da saia etc. é de grande valor uma vara métrica, como as que se usam nas lojas. Como qualquer trabalho bem feito tem de ser meticuloso, a questão das medidas é muito importante em corte e costura. O axioma "meça mil vêzes, mas corte uma só vez" nunca deve ser esquecido por qualquer costureira. Quando se vai cortar um vestido, meça-se bem a fazenda disponível e tenha-se certeza de que é suficiente para o modêlo que se deseja fazer. Não se faça nunca a asneira de ir metendo a tesoura num tecido, sem saber qual a metragem requerida pelo modêlo, a-fim-de não se ter surprêsas desagradáveis, arriscando-se ainda a perder todo o tecido, pelo fato, bem freqüente, de não encontrá-lo mais à venda.

* * *

Na nossa próxima lição, terminaremos o nosso comentário sôbre os utensílios de costura.



JÔGO PARA BEBÊ

MATERIAL NECESSÁRIO

40 gr de lã azul céu, e para bordar 10 gr de lã verde para as hastes, 10 gr de amarelo para os miolos das flores e 10 gr de lã rosa para as flores. 1 par de agulhas n. 3.

PONTOS EMPREGADOS

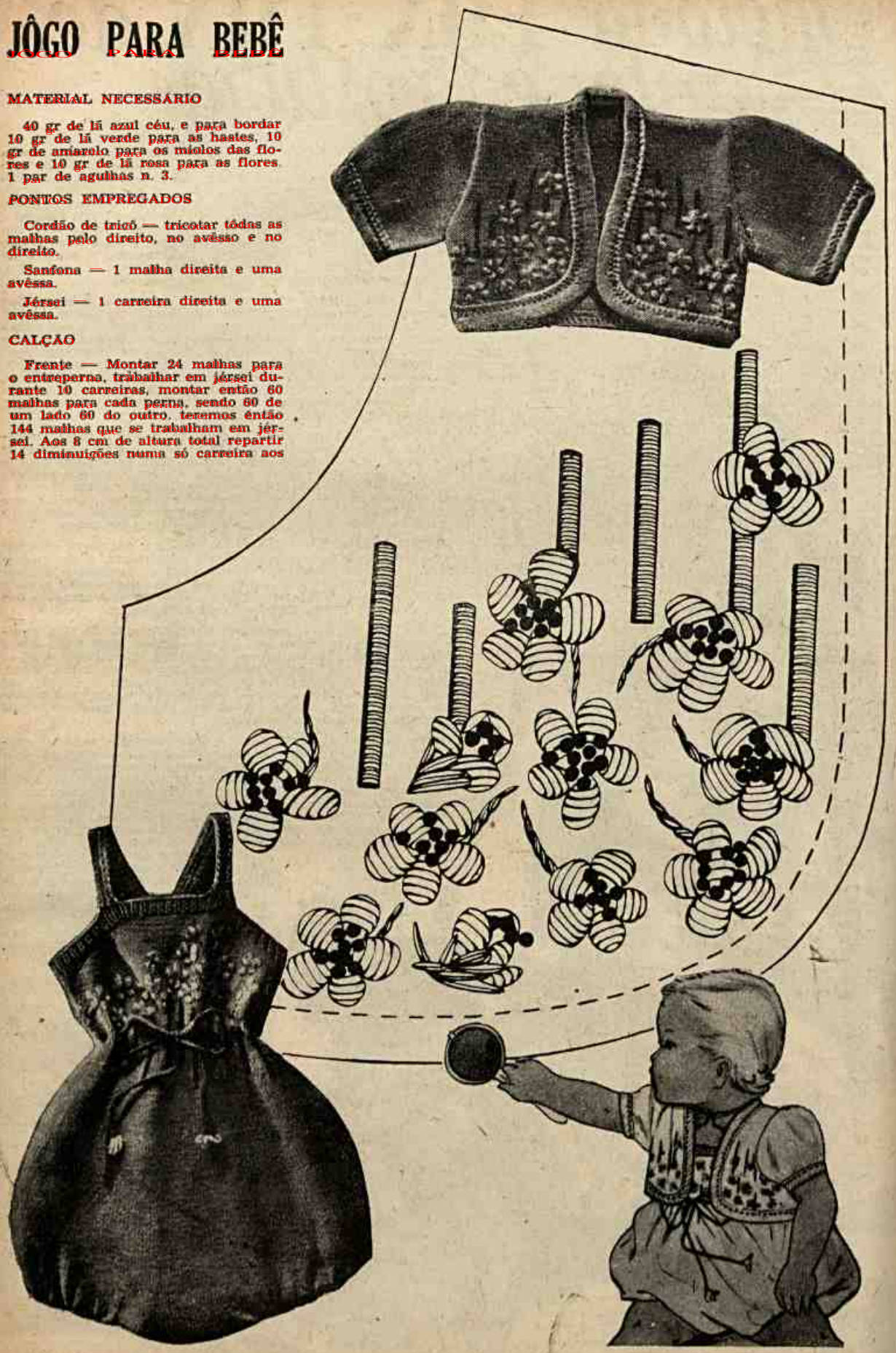
Cordão de tricô — tricotar tôdas as malhas pelo direito, no avêsso e no direito.

Sanfona — 1 malha direita e uma avêssa.

Jérsei — 1 carreira direita e uma avêssa.

CALÇÃO

Frente — Montar 24 malhas para o entreperna, trabalhar em jérsei durante 10 carreiras, montar então 60 malhas para cada perna, sendo 60 de um lado 60 do outro, teremos então 144 malhas que se trabalham em jérsei. Aos 8 cm de altura total repartir 14 diminuições numa só carreira aos



12 cm, aos 16 cm, aos 20 cm, aos 24 cm e aos 30 cm proceder da mesma maneira, fazer na carreira seguinte um passador (2 pontos juntos, 1 laçada) assim durante tôda a carreira. Aos 34 cm e aos 37 cm repartir 4 aumentos numa só carreira, aos 38 cm rebater em cada extremidade 11 vêzes 2 malhas as que sobrarem arrematam-se de uma só vez depois de trabalhar durante mais 2 cm.

Costas — igual a parte da frente até alcançar 38 cm onde arrematam-se os pontos de uma só vez.

Montagem — Passar as peças a ferro. Bordar de acôrdo com o desenho as hastes em ponto de haste verde, as flores em ponto de laçada com a linha rosa, os miolos das flores em rocócó amarelo, e os pauzinhos em ponto cheio.

Para o acabamento das pernas pegam-se os pontos com agulha de crochê e trabalham-se durante 2 cm em ponto de sanfona, para a parte de cima do macacão procede-se da mesma maneira.

As tiras do suspensórios — montam-se 8 pontos que se trabalham durante 21 cm em cordão de tricô. No entreperna de um lado colocam-se 4 botões e do outro as respectivas casas. Para a cintura, faz-se um cordão da própria linha do calção e faz-se um pom-pom em cada extremidade.

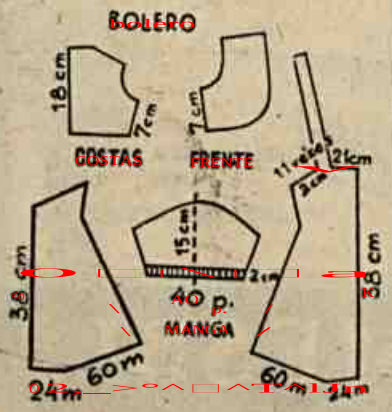
BOLERO

Frente — Montar 28 malhas trabalhar em jérsei aumentando a direita para formar o arredondado 5 malhas, 4 malhas, 3 malhas, 2 malhas e 1 malha, teremos 43 cm que se trabalham em reto durante 8 cm, nesta altura rebater para a cava a esquerda 3 malhas, 2 malhas e 1 malha aos 9 cm rebater a direita para o decote 17 vêzes 1 malha em tôdas as carreiras, até os 18 cm de altura rebater em 3 vêzes as malhas restantes para o ombro. Fazer o outro lado igual porém de vi-a-vis.

Costas — Montar 72 malhas trabalhar em jérsei. Fazer 8 cm reto depois rebater para as cavas, 3 malhas, 2 malhas e 1 malha continuar trabalhando aos 18 cm de altura total rebater de cada lado para os ombros 2 vêzes 7 malhas e 1 vez 6 malhas e os 20 restantes são para o decote que se arrematam de uma só vez.
te 10 carreiras em ponto de sanfona.

Manga — Monte 40 pontos e tricote 10 carreira em ponto de sanfona. Continue em jérsei aumentando de cada lado 1 ponto de 8 em 8 carreiras até ficarem 52 pontos sôbre a agulha. Quando atingir 15 cm de altura medindo da base diminua 1 ponto de cada lado em tôdas as carreiras. Quando restarem 10 pontos arrematam-se de uma só vez.

Montagem — Passar a ferro e fazer uma tira em sanfona para debruar o bolero e bordar de acôrdo com o calção.



Noite

1 *Camisola para noite de núpcias em nylon plissado. Na cintura, larga fita de cetim, à qual se prendem duas flôres.*

2 *Belíssima camisola de gase preta, ornada no busto por ordens de renda valenciana. A saia é guarnecida por quatro babados de gase plissada e renda, que se alternam.*

PRESENTES *que agradam...*

Mesbla apresenta inúmeras "Sugestões" para o confôrto do seu lar, e tudo na Qualidade que caracteriza os artigos vendidos por Mesbla.

Liquidificador ARROW

Vafleiro ARROW

Enceradeira ARROW

Espalhador de céra ARROW

Rádio ARROW

Batedeira ARROW

Balança doméstica ARROW

Torradeira ARROW

Ferro de engomar ARROW

Fogareiro ARROW

... e lembre-se

um CRÉDI-MESBLA resolve seu problema! Compre agora e pague a 1.a prestação 60 dias depois! ... e como é fácil! ... e como é rápido abrir um CRÉDI - MESBLA!

Grátis! PEÇA EM NOSSA LOJA O FOLHETO "SUGESTÕES para PRESENTES"

MESBLA

Rua do Passeio, 42/56

Pro-Digest 806

DETALHES DE COSTURA

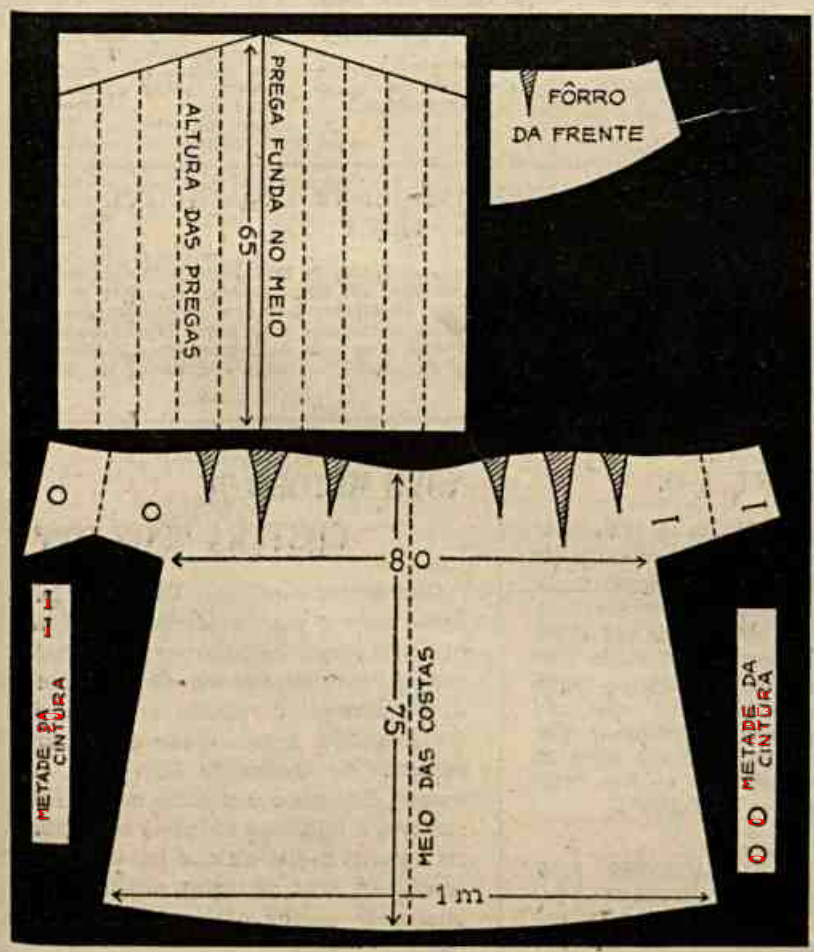
SAIA COM PANO PREGUEADO

Esta saia, particularmente indicada às mulheres que não apreciam as saias "fourreau", muito justas, mantém a linha reta, apesar da largura que lhe é dada por um largo pano pregueado. Êste modêlo, por outro lado, é prático e combina bem com uma blusa, um "chandail", uma túnica ou uma "marinière".

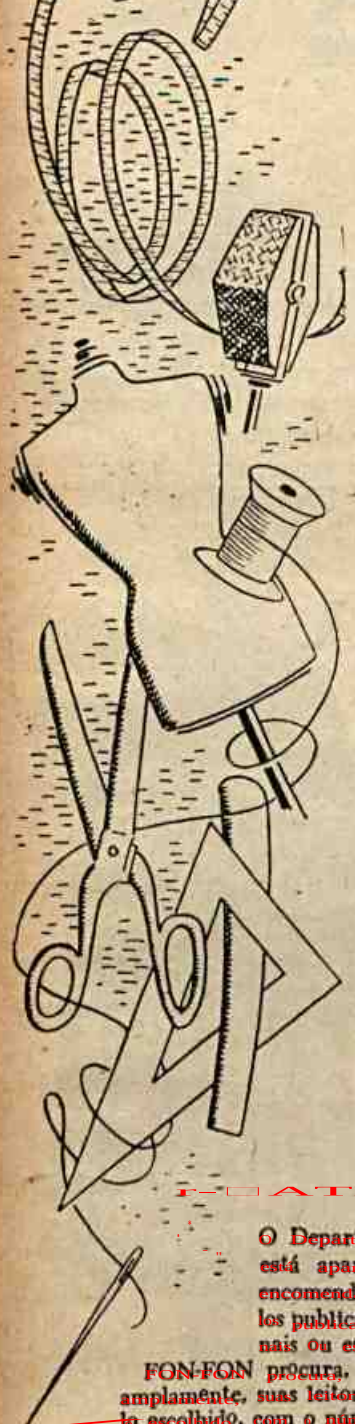
Compõe-se esta saia de dois pedaços: o dorso ou as costas, que contorna os quadris e vai se cruzar na frente com abotoamento, e o pano, pregueado com dez pregas batidas de dois centímetros reunindo-se no meio da frente numa prega profunda. Êste pano, depois de pregueado, tem a largura de vinte centímetros. Não esquecer que a bainha deve ser feita antes do pregueamento.

Montar o pano, deixando sôlto apenas o lado direito do cruzamento, que deve ser forrado. Depois de forrar o avêsso do cruzamento, fazer as casas dos botões, em seguida as da cintura, que é cortada com uma costura no meio das costas, para economizar tecido, e montada à saia. Notar o movimento arredondado das pences que modelam perfeitamente os quadris.

A metragem necessária para êste modêlo é de apenas 1m50 numa fazenda de 1m30.



departamento de



MAGNOLIA PASSOS — (Santos — SP) — Envia-nos palavras elogiosas sôbre o FON-FON e diz que "gostaria que escrevessem no molde a feito" data e a página de que é

R.: — Agradecemos suas palavras mas lamentamos não compreender a sua sugestão. Escreva-nos novamente.

MADAME PIGNATARO — (Ouro Preto — Minas) — Envia-nos uma carta com termos simpáticos e elogiosos, incluindo vários coupons de moldes e perguntando se o modêlo 2 da página 31 do FON-FON de 20-10-51 fica próprio para missa de formatura.

R.: — Agradecemos palavras de tanto estímulo e enviaremos os moldes o mais breve possível. O vestido indicado é próprio para a missa. Pode usá-lo. Quanto aos modelos para a formatura da sua filha, tentaremos desenhá-lo com a maior brevidade.

LUCY IBERHARDT — (Cachoeira do Sul — RGS) — Pede-nos para publicar monogramas e roupas bordadas.

R.: — Já enviamos o seu pedido aos elementos responsáveis.

ESTHER CASTILHO LOSSO — (DF) — Solicita-nos a publicação de modelos de blusas de organdi bordadas a côr.

R.: — Fá-lo-emos na primeira oportunidade.

NORMA ROSA RIBAS — (P. Alegre — RGS) — Pede-nos a publicação de modelos simples esportivos, roupas de lingerie e bordados de cama e mesa.

R.: — Já estamos publicando tudo isso.

JUREMA (Vitória, E.S.) — Informa-nos que tem aproveitado diversos modelos para seus vestidos e bordados, também. E não só ela própria como suas colegas do Instituto Profissional "Maria Ortiz" (de corte, bordado e costura).

R. — Realmente, desvanece-nos o saber que FON-FON está sendo tão útil; assim, queira receber os nossos agradecimentos pela boa notícia.

AUREA MOREIRA DE SOUZA — (DF) — Pede-nos um molde sem, todavia, enviar-nos o o coupon correspondente.

R.: — Infelizmente, sem o coupon, não podemos enviar moldes.

ANTÔNIA MARTINS DE OLIVEIRA — (Belo Horizonte, MG) — Solicita-nos um molde sem enviar o respectivo coupon e, esclarece-nos: — "Tenho umas amigas que me estão dizendo ser tolice tal pedido, pois não receberei nada. Quero provar o contrário".

R.: — Infelizmente, sem o coupon, não poderá argumentar com suas amigas pois só com êle podemos atendê-la.

NELY AMIN — Envia-nos o pedido de dois moldes — um de FON-FON e outro de outra revista.

R.: — Aguarde que lhe será enviado o molde de FON-FON. Quanto ao outro modêlo só pode ser remetido mediante o pagamento de Cr$ 15,00, conforme explicamos na seção Dep. Modas.

NOEMIA ROSA DE LIMA — (Recife, E) — Pergunta-nos se é possível aprender corte e costura por correspondência.

R.: — Acreditamos que com a publicação, que ora iniciamos, de um novo método de costura, poderá colher ótimos resultados.

UM MODÊLO ESPECIALMENTE DESENHADO PARA VOCÊ!

Sob a orientação do "Departamento de Modas de FON-FON", Gil Brandão desenhará, exclusivamente para o seu tipo, um lindo modêlo, que será publicado nas páginas de FON-FON. Para candidatar-se a essa verdadeiramente sensacional oferta de FON-FON basta enviar-nos uma carta "descrevendo o seu tipo — altura, pêso, côr dos cabelos e da pele — informando-nos sôbre a idade, as medidas exatas (coupon na página ao lado) e a finalidade do vestido: noiva, esporte, baile, etc.".

ATENÇÃO:

O Departamento de Modas de FON-FON está aparelhado para, doravante, aceitar encomendas de moldes de quaisquer modelos publicados em revistas ou figurinos nacionais ou estrangeiros, ao prêço de Cr$ 15.00.

FON-FON procura, dêste modo, atender, ainda mais amplamente, suas leitoras, bastando, pois, enviar o modêlo escolhido, com o número de seu manequim e quaisquer outros detalhes que julgar necessários, juntamente com a importância de quinze cruzeiros (que pode ser em selos de Cr$ 0,40) anexa, para um dos seguintes endereços: — Rua Pedro Alves, 60, ou Rua da Assembléia 79 — loja — "A Tulipa".

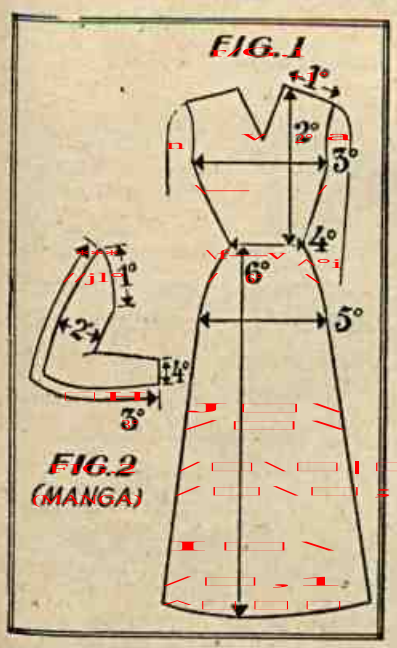
— :: —

OS MOLDES DOS FIGURINOS PUBLICADOS POR "FON-FON" CONTINUAM A SER OFERECIDOS GRATUITAMENTE, BASTANDO, PARA ISSO, ENVIAR O COUPON PUBLICADO NA PÁGINA AO LADO.

NOVO MÉTODO DE COSTURA "FON-FON"

Chamamos a atenção de nossas leitoras para o novo método de costura que está sendo lançado por FON-FON, método êsse de autoria de D. Eloina A. de Araújo, e revisão artística de Gil Brandão. A finalidade do Departamento de Modas de FON-FON, ao lançar êste novo e prático método de costura, é habilitar tôdas as suas gentis leitoras a-fim-de que possam confeccionar seus próprios vestidos, ou quaisquer outras costuras que desejarem.

modas de FON-FON



COMO DEVEM SER TOMADAS AS MEDIDAS:

FIG. 1

1.° — ombro
2.° — comprimento da blusa
3.° — largura do busto (circunferência)
4.° — largura da cintura (circunferência)
5.° — largura do quadril (circunferência)
6.° — comprimento da saia

FIG. 2

1.° — circunferência da cava
2.° — largura da manga
3.° — comprimento da manga (braço dobrado)
4.° — largura do punho.

Um Molde Gratis Para Você!

FON-FON se propõe a enviar-lhe gratuitamente, o seu molde individual.

* * *

A pessoa interessada deverá encher cuidadosamente o coupon, com as medidas tomadas de acôrdo com as explicações ao lado.

* * *

O coupon publicado nesta página vale por um molde de qualquer dos figurinos estampados nêste número de FON-FON.

* * *

Poderá o coupon ser entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio, para os seguintes endereços: — MOLDES FON-FON, rua Pedro Alves, 60, ou a Rua Assembléia, 79, loja, A TULIPA — Rio de Janeiro.

Atendemos pedidos de qualquer Estado do Brasil.

UM MOLDE GRATIS PARA VOCÊ — (15-12-1951)

Queira confeccionar, com brevidade, o molde do figurino n.º ..... da página ..... de acôrdo com as seguintes medidas:

FIG. 1

1.° .....
2.° .....
3.° .....
4.° .....
5.° .....
6.° .....

FIG. 2

1.° .....
2.° .....
3.° .....
4.° .....

NOME .....

RUA .....

..... N.º .....

CIDADE .....

ESTADO .....

FON FON

Rua Pedro Alves, 60
Caixa Postal 97
End. teleg. FON-FON
Rio de Janeiro

Prezadas leitoras:

Desejando orientar a feitura desta revista, de acôrdo com a opinião da maioria de nossas leitoras, solicitamos que nos enviem suas críticas e sugestões, na certeza de que serão levadas em grande consideração.

Escreva a FON-FON, endereçando sua carta para: Redação de FON-FON — Rua Pedro Alves, 60 — Rio de Janeiro.

.....

.....

.....

.....

QUANDO OS OLHOS SÃO NOSSA VIDA

Mesmo ao homem de jornal, afeito, no desempenho de sua profissão, às mais emocionantes manifestações de reconhecimento, não deixam de impressionar os inúmeros depoimentos, provenientes das mais longínquas paragens brasileiras, falando do trabalho beneditino que o famoso oftalmologista dr. Campos de Rezende vem desenvolvendo, pelo bem-estar de tôdas as classes sociais. E mesmo além de nossas fronteiras, atinge essa merecida fama os foros de consagração justa, pois, não há muito, da cidade argentina de San Juan, uma senhora, vivamente tocada pela cura efetuada pelo dr. Campos de Rezende numa menina de 12 anos, endereçou-lhe uma carta, na qual evidencia o aprêço que em plagas portenhas se tributa ao oculista patrício e que, sem dúvida, só vem contribuir para o enaltecimento da medicina brasileira que desfruta hoje, graças aos méritos de seus profissionais, um lugar de vanguarda entre a comunidade continental

Agora mesmo, nova demonstração da capacidade dêsse notável cirurgião chega-lhe da cidade paraibana de Itabaiana. O sr. Jorge Augusto Trindade, de 38 anos, ourives, estando certo dia em seu trabalho, começou a acusar uma sensação de zumbido na cabeça, "como se estivesse junto a uma cachoeira", dizia, e, ao tato, uma insuportável pulsação do globo ocular, seguida de sopros e ruídos contínuos de água em ebulição. Horas

Sr. Jorge Trindade, operado com êxito pelo Dr. Campos de Rezende.

•

após, o ôlho esquerdo acusava um aspecto horrivelmente impressionante.

Reunindo as poucas economias, o sr. Jorge Trindade não vacilou em embarcar imediatamente para o Rio e, 24 horas após, procurava o dr. Campos de Rezende, em seu consultório à rua Buenos Aires n.º 212, sobrado, tendo aquêle oculista diagnosticado "exoftalmia pulsatil", causada por um aneurisma arteriovenoso decorrente da ruptura da carótida no seio cavernoso, apenas com a característica ligeiramente animadora de ser espontânea, pela degeneração das paredes.

Sem perda de tempo, foi o paciente internado numa casa de saúde e ali, depois da necessária compressão da carótida, estabelecida a ligação das veias orbitárias dilatadas, em seguida à resecção temporal da parede orbitária externa.

Jorge Trindade retornou à sua terra, há precisamente um mês. E agora, um telegrama simples, dá conta, em poucas palavras, de sua extrema felicidade: "Graças à sua Ciência, retornei hoje à oficina. Restituindo-me a vista, restituiu-me a vida".

No registro dêste fato, há todo um drama que poucos apreciarão em tôda sua magnitude. E o dr. Campos de Rezende, como o semeador da lenda, continuará plantando árvores abençoadas pelo caminho, sem procurar saber dos que se beneficiarão à sua sombra acolhedora. Êste é o verdadeiro apostolado da Ciência.

SE CALAS, ÉS CULPADO

FOTO-ROMANCE de ADA SALVI

CONTINUAÇÃO DO VII CAPÍTULO

SE CALAS, ÉS CULPADO

(Foto-romance de ADA SALVI)

CAPITULO VIII

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES: PAOLA DAVALLI, QUE FICOU SOZINHA E SEM RECURSOS, EMBARCA PARA A AMÉRICA, MAS CARLO ANGELERI, UM JOVEM RICO QUE LHE FAZIA A CÔRTE, VAI NO MESMO NAVIO. A MOÇA NÃO CONSEGUE RESISTIR A PAIXÃO DO JOVEM, MAS DEPOIS, PELA ATITUDE DÊLE, ACHA QUE NÃO É VERDADEIRAMENTE AMADA. PARA ESCONDER O DESESPERO, TRAVA RELAÇÕES DE AMIZADE COM BARBARA E TOM, DOIS TIPOS SUSPEITOS QUE A ENGANAM FACILMENTE E COM OS QUAIS DESEMBARCA. CARLO EMPREENDEU A VIAGEM A FIM DE ENTRAR NA POSSE DE UMA HERANÇA DE UM TIO, E O ADVOGADO MORALES, QUE O ACOMPANHA, IMPEDE-O DE OCUPAR-SE DE PAOLA NA HORA DO DESEMBARQUE. ASSIM, PAOLA, PENSANDO SER HOSPEDE DA SUA AMIGA, VAI PARAR NA CASA DE TOM CASTIGLIA E SÓ NESSE MOMENTO COMPREENDE QUE ÊSTE É UM AVENTUREIRO, PROPRIETÁRIO DE UM LUGAR EQUÍVOCO, QUE, TENDO-SE ENAMORADO DELA, MANTÉM-NA PRISIONEIRA COM A ESPERANÇA DE QUE ELA CEDA ÀS SUAS PROPOSTAS AMOROSAS.

A BARBA DE TUCKLE

(Conclusão)

diabos dêsses ratos já andaram fazendo picadinho com a minha barba. Você não se importa de fazer um trabalho no domingo, Thomas? e acrescentou: Corte a minha barba, Thomas!

Tôda a gente correu à barbearia de Tom Roberts para ver a famosa barba de Crawford County ser cortada, e, quando Tom Roberts ergueu o cofre, disse: — Você parece dez anos mais moço sem ela, Amos. — Depois que o escanhoou, passou-lhe uma loção, botou pó-de-arroz e penteou-lhe os cabelos, deu um passo atrás e admirou-o.

— Aposto como agora você está um homem bonito, Amos.

Amos deixou o cofre na barbearia para buscar no dia seguinte. Levou Eddie para o automóvel.

— Você vai para casa agora, vovô?

— Vou, Eddie. Mas tenho que dar uma paradinha na casa de Sarah Millway. Quero que ela veja uma coisa.

— Que é, vovô?

— Acabou-se a barba de bode, agora, disse Amos.

Quando Sarah viu o carro parado à sua porta, veio para fora. Deu um gritinho ao ver a face bem escanhoada de Amos Tuckle.

— Amos! como você está bonito! exclamou. Gostaria de convidá-lo a entrar, mas a casa está que é só cheiro de maçã, porque Henry andou comendo algumas. Mas talvez você possa voltar logo à noite, Amos. Vou mandar arejar bem a casa. E você não acha que êle ficou outra coisa sem a barba, Eddie?

— Acho, sim, disse Eddie. E... vovô vai me dar a barba para eu fazer um ninho para os meus ratinhos.

E assim acabou a célebre barba de Crawford County, que Sarah, a espôsa de Amos, nunca mais deixou tornar a crescer.

PRISIONEIRA DA NOITE

(Continuação)

— Ainda não sei o seu nome... Quer apresentar-se?...

— Evangelina...

— É só?...

— Por enquanto...

Riram-se ambos da resposta. Voltaram-se para os quadros, num comum movimento de satisfação aos demais.

— Gosta dos quadros?

— Não, exclamou ela peremptória.

Êle fez um largo sorriso e declarou:

— Eu também não. Não vejo arte nenhuma nisso. A pintora é muito elementar. Conhece-a?

— É minha cunhada.

Nova troca de risos. Êle não se sentiu nem um pouco esquerdo apesar da resposta.

— Então aconselhe-a a desistir de pintar.

— Deus me livre!

— E a senhora? Também se dedica a alguma arte?

— Não. Sou inteiramente nula em matéria de arte. Não faço nada disso. Não sei nada. Sou um ente... posso dizer que inútil.

— Como assim? Então só os artistas são úteis?

— É claro que não. Tomemos o seu caso, por exemplo. Sei das vitórias que tem alcançado. Seu nome está cercado de uma auréola de prestígio...

— Ninharias! fez, com um gesto de descaso. Tudo isso passa ao meu lado sem atingir o meu verdadeiro ser.

Ela banhou-o de um olhar luminoso.

— Verdade?... Que interessante! A gente nunca deve julgar as pessoas pela aparência...

— Eu lhe pareço um sujeito muito convencido, muito convicto de ter realizado grandes coisas?...

— Mais ou menos. Mas fico satisfeita em saber que o senhor não é assim.

— Já me conhecia antes?

— De nome, sim. Calcule que andei à sua procura para entregar-lhe um caso... o meu caso. Era a anulação do meu casamento... Arnaud aconselhou-me a contratá-lo, mas o senhor estava no Norte naquela ocasião.

— Então já foi há bastante tempo... Uns quatro anos, talvez...

— Pouco mais ou menos isso. Como o senhor estava ausente, recorremos a outro.

— E... conseguiram?

— Sim. Conseguimos. Consumatum est!... disse, com um gesto largo e um sorriso de tristeza.

— Com que, então, não foi feliz? Como foi possível isso?...

— Que quer dizer?

— Com tôda a sua beleza... com o seu "charme"...

— Isso só serve para atrapalhar!...

Riram ambos e voltaram aos quadros. De longe, Evangelina viu o vulto de Iara, entrando naquele momento. Vinha de escuro, modèstamente vestida. Viu Hugo caminhar ao seu encontro, e trocarem algumas palavras. Deixou-os de lado, tôda atenta ao doutor Ernani Lóssio.

— Sabe que estava cheio de desejo de conhecê-la? Não sei como agradecer a Deus tê-la pôsto hoje, aqui, no meu caminho!

Ela baixou os olhos. Seria mesmo caso para agradecer?

— É interessante! Nunca o vai e agora vejo-o todos os dias... E mesmo quando não o vejo...

— ... está pensando em mim, não é isso?

Olhou-o para ver se falava sèriamente, se se tratava de mera gaboli-

(Continua na página 52)

visita. Depois, êle ensina auto-hipnose e auto-sugestão.

Se ela quisesse tratar-se com êle, precisava antes ir a um exame médico e êle lhe daria o nome de um médico que só cobrava 5 dólares. Pat perguntou se poderia ir ao seu médico particular, êle disse que sim, mas que êsse outro médico era melhor porque cobrava 5 dólares e a deixaria voltar sem cobrar nada caso ela resistisse ao hipnotismo e precisasse do "sôro da verdade".

OBJETOS À VENDA

O dr. L. explicou-lhe que a auto-hipnose e a auto-sugestão compreendiam aquela poltrona de couro em que ela se sentara. Mostrou-lhe como podia ser ajustada até inclinar-se bem. Explicou-lhe que estava à venda, por 100 dólares, e que devia ser usada com umas explicações escritas que custavam cêrca de 140 dólares.

Dr. L. foi alinhado em dois pontos: não cobrou a rápida consulta inicial. Muitos psicologistas considerados fazem isso. E êle pediu exame médico antes da terapêutica, outro procedimento usado por médicos diplomados. Mas em quatro pontos, êle demonstrou que era um charlatão:

1 — Fez um diagnóstico rápido de mais, pois só falou com Pat poucos minutos e ela nem lhe falou a respeito de questões sexuais.

2 — Receitou hipnotismo desde o primeiro tratamento. Hipnotismo é um bom instrumento nas mãos de doutores e psicologistas de valor, mas não é nunca empregado sem o consentimento do doente — e sòmente após um período de preparação.

3 — Insistiu com Pat para que fôsse ao médico recomendado por êle, o que é absolutamente contra a ética.

4 — O emprêgo do "sôro da verdade" (provàvelmente alguma droga como o amytal de sódio) aliado ao hipnotismo e a cadeira inclinada era

CUIDADO COM OS CHARLATÃES DA PSICANÁLISE

(Conclusão)

●

alarmante, principalmente porque Pat não vira ali nenhuma moça secretária e o seu problema fôra diagnosticado como "sexual".

Na sua investigação, Pat colheu 14 nomes na lista classificada e foi a 23 consultas — em geral duas vêzes a cada "médico". O resultado final foi:

Carlatães — 7.

Bem intencionados, porém sem diploma — 6.

Legítimo — 1.

CLASSIFIQUE O SEU MÉDICO

Os médicos do espírito devem ser classificados da seguinte maneira:

Um *psiquiatra* é um médico que se especializou no diagnóstico e no tratamento das doenças mentais e emocionais.

Um *psicanalista* tem uma especialização ainda mais completa. É médico que estudou um método particular de diagnóstico e tratamento conhecido por psicanálise (derivado das pesquisas de Freud).

Um *clínico psicologista* é uma pessoa experimentada no campo geral da psicologia, que se tornou especialista em reajustamentos pessoais. Um bom psicologista deve ser formado em Filosofia, em Psicologia. O período de treinamento de um psicologista compreende, entre outras experiências, um ano de internamento num hospital de doenças mentais, clínica de higiene mental, centro de puericultura. A sua atitude deve ser a de um profissional. Não deve receitar nem prometer curas rápidas.

A genuina psicanálise leva muito tempo e é muito cara. Leva mêses, às vêzes anos. Pouca gente pode arcar com as despesas da psicanálise. E, quando o doente não é um neurótico ou não tem uma psicose, muitos médicos preferem o método do psicologista clínico diplomado. Pois êle não visa o completo reajustamento da pessoa. Ataca o problema dirètamente. Procura descobrir, com auxílio do doente, que é que está causando a perturbação, e então procura ajudar o paciente a resolvê-la, de modo a que possa voltar ao seu trabalho ou ao casamento.

Se você tem um problema emocional a resolver e precise de auxílio da psicologia, há duas coisas importantes que deve ter em mente: não deve ficar envergonhada e não deve pensar que vai ser uma vítima. Interrogue acêrca da terapêutica a ser usada e perca o embaraço, ficará surprêsa ao ver quanta gente — gente que você conhece — foi beneficiada pelo auxílio médico.

SEIS CONSELHOS

Se você seguir êstes seis conselhos nunca será a vítima de um charlatão:

1 — Não escôlha o seu psicologista pela lista telefônica. Pergunte ao seu médico, vá a um hospital ou ao departamento de psicologia de alguma universidade.

2 — Cuidado com os médicos do espírito que fazem grandes anúncios.

3 — Cuidado com os psicologistas que prometem curas rápidas, com hipnotismo ou objetos elétricos.

4 — Peça ao seu psicologista para ver os seus diplomas. Verifique se êle é mesmo *psicologista* diplomado.

6 — Se êle tentar prendê-la por meio de redução de preços ou assustá-la com diagnósticos aterradores, cuidado! Vá procurar outro médico.

Escolares e Adolescentes

(6 AOS 18 ANOS)

DR. H. BALLARINY

Distúrbios do crescimento — Endocrinologia — Obesidade — Magreza — Mau aproveitamento escolar. Exames periódicos de saúde. Marcar hora pelo tel.: 27-8421

Uma Especialista de Beleza não poderia fazer mais

* Debaixo de toda epiderme existe uma pele interna, fresca, jovem e livre de defeitos. Faça surgir essa beleza oculta, começando a usar Cera Mercolizada. Vale por um tratamento de beleza.

CERA MERCOLIZADA

PRODUTOS DEARBORN

Campanha da Boa Vontade

De ZILAH BASTOS SEABRA

VISITA À PENITENCIÁRIA

Foi, realmente, uma idéia feliz a da criação da Caravana da Boa Vontade. No terceiro domingo de cada mês, um pugilo de Legionários abre mão de sua comodidade, e vai levar uma palavra de solidariedade humana aos semelhantes necessitados. A última visita, por exemplo, foi algo diferente: em companhia do Padre Marcos David, a Caravana foi à Favela do Maracanã. Aquêle ambiente de tristeza e de miséria a todos comoveu. E aquelas crianças, criadas ao léu em meio à mais absoluta falta de higiene? Os Legionários levaram roupas, dinheiro e pão àqueles favelados, e sentiram que isso equivaleu, apenas, a uma gota d'água no oceano... Mas, por outro lado, quantos ensinamentos naquela visita fraterna! Os que se queixam da vida pelos motivos mais fúteis — e êsses formam a esmagadora maioria — deviam conhecer a triste condição dos favelados do Maracanã. Olhando para baixo, veriam como são ingratos e injustos quando se queixam de Deus!

Uma das visitas mais proveitosas da Caravana da Boa Vontade foi a que se realizou na Penitenciária do Distrito Federal. Acompanhados pelo veterano Venâncio Martins, os caravaneiros madrugaram naquele grande edifício da Rua Frei Caneca. Os sentenciados ouviram, na mais perfeita ordem, as palestras dos visitantes. E depois conversaram com os integrantes da Caravana, fazendo comovedoras revelações. Foi uma tarde feliz, em que a Boa Vontade obteve mais uma vitória entre os homens... Haverá maior felicidade que a de levar um pouquinho de felicidade aos semelhantes?

Aspecto da visita da Legião da Boa Vontade à Penitenciária do Distrito Federal, vendo-se alguns dos presidiários atentos à palavra de Venâncio Martins.

DETERMINISMO E LIVRE-ARBÍTRIO

Os fatalistas, com o seu pessimismo permanente, fazem a apologia do "não paga a pena", de Jéca Tatú. Para êles, tudo acontece porque tem de acontecer, e não adianta lutar contra o Destino... Que idéia fazem da justiça de Deus? Mas a verdade é que estão enganados. Há, na verdade, o Destino, ou Determinismo, subordinado ao passado de cada criatura. Mas há, também, o Livre-Arbítrio, que o Criador outorga a cada um de seus filhos. Assim, qualquer pessoa pode modificar a sua vida, com um pouco de Boa Vontade, através da prática do Bem. Praticar o Bem, dentro da Justiça, é praticar a verdadeira religião, sem fanatismos que a época não comporta mais. Para tanto, a criatura espiritualizada entende bem o seguinte: quem faz mal ao seu próximo a si mesmo faz mal; quem odeia o seu próximo a si mesmo se odeia; quem rouba o seu próximo a si mesmo se rouba; quem inveja o seu próximo a si mesmo se inveja; quem mata o seu próximo a si mesmo se mata. E tudo mais que fizer de mal receberá de volta! Fora do Bem não há felicidade para ninguém.

NA PEDRA DE GUARATIBA

Na Legião da Boa Vontade não há espírito sectário. Todos são bem-vindos, desde que saibam amar a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a si mesmos. Por isso é que a Caravana da Boa Vontade visita instituições, sejam quais forem os credos religiosos a que estejam filiadas, no sentido de levar-lhes seu apôio material e espiritual. A realidade dos fatos vem demonstrando que está certa a orientação da LBV: ali se irmanam pessoas de tôdas as classes, de tôdas as religiões e corrente filosóficas, num ambiente de esplêndida harmonia. Da visita da Caravana da Boa Vontade ao Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba guardam, ainda, os Legionários uma feliz recordação. Acompanhados pelo Rev. Salustiano Cesar, os membros da Caravana foram recebidos pelo Rev. Ramalho e percorreram as dependências do Abrigo, principalmente a escola onde as crianças recebem as luzes do saber. Como se sabe, a seara evangélica é vigorosa e fecunda, graças à fibra dos seus líderes. O Abrigo da Pedra de Guaratiba merece as simpatias das almas bem formadas, em todos os sentidos. Ali se trabalha por um Brasil melhor...

UM PENSAMENTO DE RUI BARBOSA

"A concepção individualista dos direitos humanos tem evoluído ràpidamente, com os tremendos sucessos dêste século, para uma transformação incomensurável nas noções jurídicas do individualismo, restringidas agora por uma extensão cada vez maior dos direitos sociais. Já se não vê na sociedade um mero agregado, mas uma entidade naturalmente orgânica, em que a esfera do indivíduo tem por limites inevitáveis, de todos os lados, a coletividade. O Direito vai cedendo à Moral". E o egoísmo vai cedendo à solidariedade humana...

A Caravana da Boa Vontade no Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba. Aparecem na gravura Rev. Ramalho, Alziro Zarur, presidente da LBV., e Rev. Salustiano Cesar.

PRISIONEIRA DA NOITE —::— (Continuação)

ce, mas viu nos seus olhos uma luz clara, nova, inesperada.

— Desde o primeiro momento em que a vi, sua pessoa não me sai do pensamento! exclamou êle.

Disse isso, elevando a cabeça como se estivesse examinando atentamente um quadro que estava mais acima dos outros. E com um gesto perfeitamente calmo e senhor de si:

— Acho aquelas lavadeiras ali horríveis!...

— Minha cunhada é uma negação para a pintura, mas que se há de fazer? pensa que é um gênio! — disse Evangelina aceitando a mudança de assunto para disfarçar o embaraço.

Caminharam até o fim do salão, já agora literalmente cheio. Aléxia devia estar radiante com o êxito. Tanta gente! Voltou os olhos para a entrada. Iara examinava os quadros em companhia de Hugo. A pintora fumava, conversando com um homem de melenas exageradas e longos bigodes descaídos. De repente, Ernani Lóssio virou-se e disse numa voz rápida:

— Não me deixe na situação de andar a procurá-la como um doido pelas ruas! Diga-me como lhe posso falar.

— Telefone... se quizer. Estou o dia inteiro em casa.

Êle tomou nota do número num caderninho. Só depois que o viu afastar-se é que ficou com a idéia roendo-lhe a cabeça: Êle é casado, casado! e eu, que louca! bem que sabia disso, e fui para diante. Que é que estou pensando? Onde anda o meu bom senso? Que será de mim?

Já não era mais possível reter o afluxo dos sentimentos desarvorados. O resto da tarde passou-se como se vistas se estivessem desenrolando diante dela: nada de real, de vivido, de humano. Parecia tudo artificial, porque com êle tinha ido embora a luz. Viu-se como os outros, dizendo à pintora:

— Que sucesso, a sua exposição! Sim, senhora, Aléxia, meus parabens! Seus quadros são formidáveis!

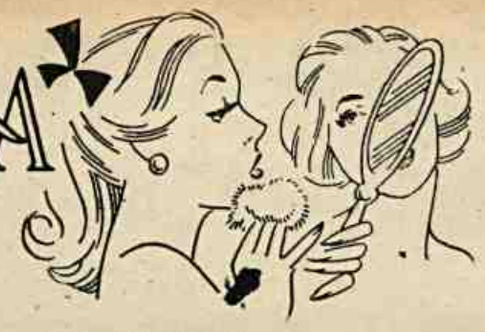
Voltou para casa como se estivesse sendo transportada no carro da Gata Borralheira, puxado por dois cisnes brancos. No entanto, estava em pé num ônibus, repleto de gente, que ia gingando e ameaçando virar a cada momento. No dia seguinte, Ernani Lóssio telefonou. Mal acabou de falar com êle, ficou pensando em Hugo e Iara. Era curioso, sentia-se até certo ponto reabilitada. Já não havia tantos motivos para considerar-se vencida e humilhada diante do amor de Iara. Aquêles dias passaram numa importância febril. Pensava ininterruptamente em Ernani Lóssio. Tinham marcado um encontro numa casa de chá, na têrça-feira de tarde. Esgotara as fôrças mentais em lutas estéreis consigo mesma. Agora estava resolvida: ia dar-se àquele amor, fôsse para o que fôsse, desse no que desse! Estava integralmente apaixonada. Parecia-lhe que, enfim, aparecera o homem capaz de transformá-la na mulher que devia ser.

Esperava os dias, devorando os minutos, arrastando consigo, para onde ia, os seus pensamentos fatalistas. Era, enfim, a mulher que toca o momento máximo de sua vida. Estava pronta para o amor, disposta a tudo, como quem vai colher no píncaro dos Alpes a "edelweiss" valiosa.

Numa tarde, o editor que examinava "Maraã" telefonou, pedindo para vê-la. Apressou-se em correr a encontrá-lo. Ia satisfeita, após uma conversa de meia hora pelo telefone com Ernani Lóssio. Sentia-se engrandecida por aquêle amor. Queria contar tudo a Iara, para ver-se elevada a seus olhos. Ah! não era só ela que

(Continua na página 58)

ARTE DE SER BELA



O CANSAÇO É O MAIOR INIMIGO DA BELEZA

QUANDO O CÉREBRO SE ENCONTRA FATIGADO DEVEM BUSCAR-SE DISTRAÇÕES AGRADÁVEIS PARA PROPORCIONAR-LHE DESCANSO

ASSIM como cuidamos da nossa aparência, de nossa maquilagem, de nosso corpo e nossos trajes, também devemos dedicar idêntica atenção ao lado espiritual, por ser êle também, de grande importância para a beleza. A vida moderna obriga-nos a certas exigências que estão, na maioria das vêzes, acima de nossas próprias fôrças. O trabalho no escritório, as obrigações domésticas e os compromissos sociais são motivos mais que suficientes para levar uma vida agitada, causa lógica da depressão nervosa.

A atividade intensa causa desgastes em nosso sistema nervoso e, para estar a salvo de possíveis inconvenientes graves, devemos devolver ao organismo o seu estado normal.

Primeiramente, o que é necessário fazer é eliminar de si tôdas as preocupações. Compreendemos que a luta pela vida cria situações difíceis que cada qual deve resolver procurando obter êxito; porém não nos deixemos levar, envolver e aprisionar pelos problemas. Devemos colocar inteligência, sagacidade e experiência para sairmos vitoriosos, porém não devemos consentir que os assuntos cheguem a constituir verdadeiras obsessões.

Por outro lado, as preocupações insignificantes não devem sequer ser mencionadas. Procedendo-se assim, lograr-se-á tranquilidade, retirando de nossa mente problemas que não podem ter transcedência.

DISTRAÇÕES ADEQUADAS

Quando o cérebro se encontra sobrecarregado de intenso trabalho intelectual é necessária uma trégua. A referida trégua deve ser em benefício do cérebro fatigado pelo trabalho árduo. Há pessoas que, para distrairem-se de um oprimido horário de trabalho num escritório durante o qual despenderam um grande labor mental, procuram reconfortar-se lendo novelas policiais que não fazem senão agravar o mal-estar nervoso ao submeter o cérebro a um novo trabalho e sofrer as emoções que provoca o relato novelesco.

Um pouco de música agradável é um magnífico sedativo para os nervos. Em inúmeros institutos de investigação científica dos Estados Unidos foi empregada a música suave com grande êxito para apaziguar os temperamentos nervosos e os estados de grande excitação.

Alguns jogos de salão que não exijam grande esfôrço mental, também servem para a finalidade proposta. Além disso, alguns instantes de palestra agradável, também podem servir para descongestionar o cérebro.

SONO TRANQUILO

O repouso também deve ser tomado em conta. Para o organismo estar em boas condições, é imprescindível dormir pelo menos oito horas diárias.

Quando o sono não vem com facilidade e a insônia é frequente, deve investigar-se as causas, para eliminá-las prontamente. A insônia indica sempre que algo anda mal no organismo e, nesse caso, é conveniente consultar o médico.

PERIGOS DA FADIGA

Os gráus intensos da fadiga não são favoráveis aos organismos debilitados nem àqueles que estão em fase de crescimento, como as crianças.

Os órgãos, em geral, se vêm obrigados a um funcionamento acrescentado e podem sofrer graves consequências.

A fadiga intensa e a prostação nervosa, implicam no envenenamento orgânico, contra o qual o organismo luta e lhe cria um estado de menor resistência vital que favorece as infecções microbianas.

A tuberculose, especialmente, faz estragos nas pessoas fatigadas por exercícios intensivos, por mais que seus músculos sejam poderosos.

Morrem tuberculosos, na maioria dos casos, os atletas, os lutadores, os boxeadores e os operários dedicados a trabalhos rudes, porque suas energias vitais foram desgastadas pelo trabalho fatigante e porque o desenvolvimento de seus músculos não correspondeu frequentemente ao desenvolvimento harmônico nem de seus pulmões, nem de seu coração. O atletismo, o desporte exagerado e mal compreendido leva assim a verdadeiras catástrofes quando não preside, à sua aplicação, um critério científico, ao em vez das incitações da moda.

Na meninice e na adolescência é precisamente quando se praticam com exagêro exercícios intensos de vários desportes, feitos para a distração do público e para satisfazer a vaidade de muitos pais.

Não se deve esquecer porém, que os exercícios violentos levados até a fadiga favorecem e provocam enfermidades do coração e dos vasos articulares.

As síncopes cardíacas não são escassas nos torneios, porém são muito mais graves e mais frequentes as lesões valvulares que se adquirem nessas provas de aparência inofensiva e que, no entanto, inutilizam uma pessoa para tôda a vida.

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use lâminas ou navalhas, use RACÉ, o maravilhoso e eficaz depilatório em pó, perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

CABELOS BRANCOS só tem quem quer

JUVENTUDE ALEXANDRE

USA E NÃO MUDA, Quem os não quer

Cuide de sua Pele

USANDO A EFICAZ POMADA

CALENDULA CONCRETA

Aconselhada para amaciar a pele, tirar sardas e manchas, fazer desaparecer as rugas, panos, asperezas e ulcerações. Combate a supuração da pele, inflamações e erupções eczematozas.

NAS FARM. E DROG. E LABOR. SIMÕES
RUA DO OUVIDOR, 11-C.P.O.
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

OUÇAM, — AS QUARTAS-FEIRAS, PELA RÁDIO MAYRINK VEIGA, A SUA PRA-9, DAS 14 ÀS 14.30 HORAS, O PROGRAMA INTITULADO "ARTE DE SER BELA".

Radio

PR1 FON FON

DIREÇÃO DE ALZIRO ZARUR

E HÁ UM CÓDIGO DE ÉTICA...

Uma das iniciativas principais do I Congresso Brasileiro de Rádio foi a elaboração do Código de Ética, um "modus vivendi" racional para as emissoras regulando-lhes os direitos e deveres, no sentido de evitar tantas coisinhas que incomodam... Uma delas, por exemplo, é o plágio da sonoplastia. Todos os dias, surgem casos verdadeiramente escandalosos, que lembram o rádio da aldeia com suas tricas e futricas: o mais espantoso de todos envolve a figura simpática de Júlio G. Atlas, de talento invulgar e de ingenuidade também fora do comum. Foi o caso que admiradores do bom gôsto musical do escritor da Mayrink vieram ver como o Atlas faz a sonorização espetacular dos seus programas. Gostaram muito, é natural, das músicas escolhidas, principalmente do prefixo de "Até parece mentira!" — o "Hino ao Sol", de Korsakow. Resultado: passaram a utilizar em seus programas da Tupi as melodias tão bem selecionadas! O "Hino ao Sol" passou a ser prefixo de uma novela da PRG-3, com agrado geral. E o Código de Ética? Não interessa... E agora dizemos nós:

— Que grandes amigos tem o Atlas!

DENTRO E FORA DOS ESTÚDIOS

- "Jardim dos Namorados" — a mais recente criação de Gilberto Martins — é o grande sucesso do momento, na Mayrink. Vai ao ar às sextas-feiras, às 21.30 horas, mobilizando todo o "cast" da emissora dos 1.220 quilociclos. Os ouvintes que ouvem o "Jardim dos Namorados" uma vez... nunca mais deixam de ouvir êsse maravilhoso programa!
- Já completou quatro anos a vitoriosa "Revista do Rádio", de Anselmo Domingos, secretariada pelo talento dinâmico de Borelli Filho. Nossas congratulações à aguerrida equipe da "Revista do Rádio".
- "Você não tem consciência!" — programa de Júlio G. Atlas — é a sensacional atração da Rádio Mayrink Veiga, todos os dias, às 5 e meia da tarde. Êsse cartaz contém uma grande mensagem social, e aí reside a fôrça do seu agrado popular, simplesmente espantoso. Alziro Zarur é a voz daquelas catilinárias modernas. Vale a pena ouvir êsse "broadcast" primoroso.
- "Zanoni" — uma novela de Dilma Lebon — é mais um tento que lavra o rádio-teatro da PRA-9. Trata-se de uma produção inspirada no célebre romance que corre mundo.
- Dulce Santucci tem sido muito feliz com suas novelas na Mayrink. Marcam êxitos merecidos para a escritora de São Paulo. Justamente o caso de "Mulheres de minha vida", na interpretação de Paulo Gonçalves, Norka Smith, Wilma Faria, Carolina Lander, Luís Pinto, Maria Vidal, Sarah Nobre, Macedo Netto, Maria Helena e outros valores.
- No próximo número, publicaremos uma carta de Leopoldo Ferreira.
- Alceu Silveira, depois de uma feliz temporada no rádio-teatro da Mayrink Veiga, onde só deixou amigos, voltou a São Paulo. No rádio bandeirante, Alceu Silveira prosseguirá na sua carreira vitoriosa.
- Uma das melhores revelações do "Teatro dos Novos" da PRA-9 é a jornalista Yvonne Santos. Tem boa voz e apreciável cultura. O resto é obra do tempo...

STÉLIO RODOLFO

ALCEU SILVEIRA

YVONNE SANTOS

O RÁDIO EM REVISTA

Legendas de STÉLIO RODOLFO

Aqui estão os populares integrantes da "Pensão de Dona Emília", programa de Edgard G. Alves na Rádio Mayrink Veiga: Estellita Bell "Carameio" — Wilma Faria "Miguela Clarabela" — Maria Vidal "D. Emília" — Selma Lopes "Orora Vírgula de Omeida" — Peri Borges "Bem-Bom" — Dr. Manoel Braga "Waldemar Camelo" — Zé Trindade "Dr. Oto-Rino" — Mário Costa "Napoleão Bôca Mole". A "Pensão de Dona Emília" está no ar às quartas-feiras, às 21 horas, com agrado geral.

●

Foi uma festa radiofônica a posse de Sérgio Vasconcelos na direção geral da Rádio Clube. Na gravura, o veterano radialista aparece quando era abraçado pelo "speaker" Ari Vizeu, da Rádio Guanabara.

Muraro, como pianista, compositor ou regente, é sempre uma atração de primeira ordem. Aí o vemos à frente da Orquestra da Rádio Nacional, sem dúvida uma das mais completas do rádio brasileiro.

Maria Vidal recebeu, como lembrana amiga, êste retrato de Sarita Maria, filhinha de Dermival Costalima, diretor da Rádio Tupi de São Paulo, e de Sarita Campos, uma das grandes atrações da PRG-2. Incrivel como pareça, Saritinha está escrevendo um programinha para o papai irradiar...

A esquerda — Procópio Ferreira, o grande cômico brasileiro, é uma das melhores atrações da PRA-3, em sua nova fase. Aí o vemos durante o programa "Uma voz ao telefone". No centro — Um trio de sucesso permanente na PRA-9: Luis Gonzaga, Catamilho e Zequinha. As "Noite de Luis Gonzaga" na Mayrink Veiga, às 20,30 horas de tôdas as quartas-feiras, são atrações magníficas da emissora dos 1.220 quilociclos. A direita — Cordélia Ferreira, a querida estrêla do "Teatro Pelos Ares", o pioneiro do rádio-teatro, aqui aparece tendo ao colo sua encantadora netinha Denise, filha do escritor Leopoldo Ferreira e de D. Cirene de Freitas. Não é um amor?

culinária de BOM GÔSTO

O PRATO NACIONAL

Bôlo de Flor-de-Milho — 1 côco grande; 250 gr de flor de milho, ou 1 pacote de fubá mimoso; 1 colheirinha (das de chá) de sal; 100 gr de manteiga; açúcar quanto baste.

Rale o côco e tire o leite grosso espremendo-o num pano; depois bote 2 copos de água morna e tire o leite mais ralo. Nêste último junte a flor de milho e o sal. Leve ao fogo, sempre mexendo, e ferva até ficar um pirão grosso. Tire do fogo, junte a manteiga e adoce bem. Finalmente acrescente o leite grosso do côco, reservando uma pequena quantidade para regar o bôlo depois de assado. Quando a massa estiver bem ligada, leve-a ao forno quente em tabuleiro ou fôrma grande, untada de manteiga. Leva de 40 a 60 minutos para assar bem.

O PRATO ESTRANGEIRO

Ganso à Polonesa — Mate, depene e limpe o ganso como se faz com o pato ou peru para assar. Retire as tripas, abra-as e lave-as bem. Corte-as depois em pedaços e frite-as como torresmos — em geral soram muita gordura. A êsses torresmos junte os miúdos já cozidos e picados, juntamente com farinha de trigo, até obter uma espécie de massa como a de croquetes. Com essa massa recheie o ganso.

É interessante notar que os poloneses não costumam deixar a ave em vinha d'alho, como fazemos habitualmente, pois procedem da seguinte maneira para assar:

Unte bem a assadeira com banha, ponha nela o ganso e leve-o ao forno quente. Só quando a ave estiver quase pronta, retire-a do forno e esfreguem-na tôda com alho e cebola amassados com sal. Regue-a então com a gordura que ficou na assadeira e leve-a de novo ao forno para dourar.

CANTINHO DA RECÉM-CASADA

Como fazer um arroz simples — Para um casal e uma só refeição, tome 1 concha, das de cozinha, cheia de arroz e ponha-o numa vasilha funda. Lave-o bem depois de catar as pedrinhas e os "marujos" (cascas e grãos escuros) levando a vasilha para debaixo d'água e remexendo bem com a mão enquanto a água lhe cai em cima. Lave-o até que a água não mais saia esbranquiçada. Passe-o então para o coador e deixe que escorra enquanto faz o refogado. Ponha numa panela: 1 colher de sopa, rasa, de banha ou toucinho derretido (êste fica mais gostoso) e acrescente, quando a gordura estiver quente, umas duas rodelas de cebola batidinha, 1 tomate sem as sementes e sem a casca (para isso abra-o ao meio depois de passá-lo ligeiramente por água quente para tirar a casca com facilidade, e, deixando que a água da bica caia sôbre a parte das sementes, depressa terá o tomate limpinho). Ponha o sal. Quando o tomate estiver bem desmanchado, junte o arroz e mexa bem com a colher de pau. Em seguida junte água quente que dê para cobrir o arroz e deixe-o em fogo forte até levantar fervura. Diminua então o fogo e deixe-o borbulhando apenas. Vigie de vez em quando para verificar se precisa de mais água. Nêsse caso junte sempre, aos poucos, água fervendo. Em geral o arroz cozinha em 20 minutos. Experimente-o, provando alguns grãos. Há pessoas que gostam de juntar um pouquinho de caldo de limão ao arroz a-fim-de torná-lo mais sêco. Outras preferem jogar o arroz cru diretamente na gordura quente, onde o refogam até que os grãos alourem antes de juntar-lhe os temperos e a água.

CONSELHOS DA SEMANA

1 Cubra as gemas com água sempre que quiser guardá-las na geladeira. Isso impede que elas ressequem.

2 Quando fizer doce de leite, acrescente-lhe 1 colher de chá de manteiga na hora de ir para o fogo.

3 Os pudins só devem ser desenformados depois de bem frios.

4 Mesmo que a receita não especifique, acrescente 1 colherinha de chá de farinha de trigo, ou de maizena, sempre que fizer um pudim. Êle ficará mais firme e nada perderá de seu gôsto.

5 Para pelar amêndoas com facilidade, mergulhe-as em água fervendo por alguns instantes. Esfregue-as depois num pano para que as cascas saiam.

BÔLO DE REIS

4 ½ xícaras, rasas, de farinha de trigo; 3 xícaras, rasas, de manteiga; 3 xícaras de açúcar mascavo; 1 xícara de conhaque; 450 gr de passas comuns; 450 gr de passas Coringo; 110 gr de pedaços de cidra e de laranja cristalizada; 110 gr de amêndoas partidas; 1 colher de chá de canela em pó; ½ noz moscada ralada; 1 pitada de mistura de especiarias (já há diversas marcas à venda); 9 ovos.

Bata a manteiga até ficar branca. Junte o açúcar, a canela, a noz moscada e a pitada de mistura de especiarias. Quebre os ovos e vá acrescentando, um a um, sempre batendo. Bata bem por uns 10 minutos e só então ponha o conhaque e a farinha. Quando esta estiver bem incorporada à massa, ponha as passas, as frutas cristalizadas e as amêndoas. A fôrma deve ser grande e bem untada com manteiga. Depois de pronto e desenformado, cubra o bôlo com uma pasta de amêndoas feita com 1 xícara de amêndoas torradas e socadas e um pouco de água de flor de laranja.

Esta receita dá um bôlo muito grande. Se quiser fazer uma surprêsa para os de casa e as amigas jogue dentro da massa, antes de ir ao forno, uma moeda, um anel, um dedal e um botão, mas bem embrulhados em papel vegetal. Quem tirar a moeda será o mais rico do ano; o anel significa casamento próximo; o dedal é sinal de trabalhos pelo ano inteiro e o botão significa que haverá um solteirão ou uma "titia" a mais...

MARSHMALLOWS

4 ½ xícaras de água; 2 xícaras de açúcar; 2 folhas de gelatina branca; 1 colher de chá de essência de baunilha. Ponha a gelatina de molho em ½ xícara de água fria. Leve ao fogo as outras 4 xícaras de água juntamente com o açúcar e deixe ferver até ficar em ponto de fio. Retire do fogo, junte a gelatina e deixe esfriar ligeiramente. Adicione a baunilha e bata durante 30 minutos ou até ficar com a consistência de suspiro.

PRISIONEIRA DA NOITE —::— (Continuação)

era capaz de inspirar um grande amor! E se Hugo soubesse? Ah! Hugo não precisava saber. Não devia, mesmo, saber. Para êle, ela tinha que permanecer a Maninha inatingível, em cuja boca não deveriam secar "os sorrisos radiosos", cujo olhar não devia trazer "a marca dos pensamentos destruidores"... Curioso! Tinha vontade de gritar ao mundo todo que amava, que amava um homem como o doutor Ernani Lóssio, no entanto diante de Hugo só sentia necessidade de simulação. Diante dêle queria permanecer sempre a intocada, a única, a sòzinha! Por que pensava assim?

Desistia de compreender-se. Voltava ao pensamento tiranizante, e tão doce, do doutor Lóssio. Iam encontrar-se. Seria divino. Olhando para trás, envergonhava-se até de ter sentido alguma coisa por uma criatura tão infantil como Roberval, por um homem tão trágico como o Capitão Noraldo, e por um tão falso como Teodoro! Ernani Lóssio era um verdadeiro homem, máscullo, perfeito, completo. Encarava a vida com seriedade e clarezo, e amava a verdade "mais do que a Platão", conforme lhe dissera. Ficava repassando na memória com ternura tôdas as suas frases. Compreendia que para alcançá-lo era preciso ascender, subir, modificar-se. Resolvia-se a estudar. Pedira-lhe indicação de livros a ler. Desejava tornar-se uma mulher culta e atraente, para poder prendê-lo. Compreendia que um homem como o doutor Lóssio não se prende apenas pela beleza e pelo coração: o espírito também tem que ter a sua parte, importantíssima. Enquanto se dirigia ao encontro com o editor, pensava nisso tudo. Chegou antes da hora e esperou vinte minutos. Afinal, a importante personagem apareceu, pedindo desculpas pelo atraso e também por não poder tomar nenhum compromisso quanto à ópera, pois verificara tratar-se de trabalho destituído de interêsse. Era boa em certos trechos, mas descambava para o fim, e terminava mal. Evangelina retirou-se como se lhe tivesse desabado em cima uma parte do mundo. Declarou a Hugo e Iara, reunidos em volta da mesa, de noite, o fracasso de "Maraba". Hugo indignou-se. Prontificou-se a procurar outro editor, nem que desistissem dos direitos autorais.

— Nem se pensa em ganhar dinheiro. Era ùnicamente pelos esforços dêle... disse Evangelina.

— Hoje vi a tal Marguerita disse Iara sombriamente. Cada vez que me lembro dela tenho vontade de surrá-la.

— Pois pode ficar descansada que outro já se encarregou disso. Ouvi dizer que o tal Baltazar lhe dá surras tremendas.

— Bem feito! disse apenas Evangelina.

Durante alguns dias não se falou em "Maraba". Hugo andava queixando-se de certas dôres nas pernas, e Iara, preocupada, levava a fazer-lhe injeções de Vitamina "B". Aléxia, satisfeitíssima com os seus triunfos artísticos, voltara para Campos. As notícias dos jornais eram unânimes em declará-la "uma pintora vitoriosa". Ela recontava tudo e organizava um álbum, em cuja capa escrevera "Minha vida artística". Por intermédio de uma amiga que fôra a Paris obtivera um autógrafo de Picasso, que pusera numa moldura na sala. Era o primeiro trofeu a ser mostrado às visitas.

A Alemanha desencadeava, nessa época, a sua tremenda ofensiva sôbre o mundo transido de espanto. Os comentários ferviam. Hugo indispunha-se na usina, em discussões acaloradas, em que tomava sempre o partido do povo opressor. Quando chegava ao apartamentozinho da rua

FON FON

A REVISTA FEITA PARA O LAR

ENDEREÇO

Administração, Redação e Oficinas: — Rua Pedro Alves 60. — Tels.: — Gerência e Publicidade: 23-5180. Redação: 23-6282. Contabilidade: 43-1527. — Caixa Postal 97. — End. Teleg. FON-FON. — Sucursal em São Paulo — Gabriel Pereira — Rua Xavier de Toledo, 141, 2.º and. — Representante na Europa: Comptoir International de Publicité (P. Garçon & Ch. Levindrey 28 Boulevard Haussman PARIS 9e) — France.

ANO XLIV

Rio de Janeiro

15 de Dezembro de 1951 — N. 2.331

Cr$ 4,00 — EM TODO O BRASIL

DIRETOR-PRESIDENTE
Sérgio Silva.

DIRETOR-RESPONSAVEL
Ary Sérgio Silva.

DIRETOR-SECRETARIO
André Sérgio Silva.

DIRETOR-TESOUREIRO
Cyro Vieira Machado.

REDATOR-PRINCIPAL
Martins Capistrano.

REDATORES
Elcias Lopes e Bastos Portela.

COLABORADORES

Gustavo Barroso — Alziro Zarur — Edvard Carmilo — Edgard Pereira — Lásinha Luís Carlos de Caldas Brito — Mercedes S. Martins (Miss "N") — Jonald — Gilberto Brandão — Clélia Clay — Zilah Bastos Seabra — José Bandeira Nery — Maluh Ouro Preto — Caio Pinheiro — Cyra Nery — Ieda Criso Fontes — Eloyna de Araújo.

Venda avulsa	Cr$	4,00
Núm. atrasado	Cr$	4,50
Núm. atras. pelo Correio ...	Cr$	5,00

Preço das assinaturas em todo o Brasil
Porte Simples

Ano (52 ns.)	Cr$	200,00
Semestre (26 ns.)	Cr$	100,00

Registrado

Ano (51 ns.)	Cr$	230,00
Semestre (26 ns.)	Cr$	115,00

As assinaturas começam e terminam em qualquer mês.

PRISIONEIRA DA NOITE —::— (Continuação)

Conde de Bonfim, vinha ávido para encontrar em Iara também a paciente ouvinte das suas extremadas opiniões políticas. Para êle o mundo precisava mesmo era de ser dominado por um povo superior, único, que "pusesse tudo nos eixos". Evangelina que, em conversa com o Doutor Lóssio pelo telefone, conhecera-lhe as tendências americanistas e democráticas, tentava opor aos argumentos de Hugo os que ouvira do advogado. O rapaz irritava-se.

Para que havia de dar agora essa menina? Para meter-se em política! Quando foi que você entendeu dessas coisas?...

Iara sorria, aconselhava calma. Até D. Carmila queria saber quem estava vencendo a luta lá pelas Europas. Vinha pé ante pé, aparecia de repente na sala, com um ar maligno de quem gosta de apanhar os outros em flagrante e perguntava:

— Então? Os boches já acabaram com o mundo?

Hugo ficava irritado. Virava as costas, acendia um cigarro, mandava-a mentalmente às favas. Assim que ela voltava para a janela do quarto, dizia:

— Quando é que vocês vão se libertar dessa mulher? Qual! qualquer dia eu preciso bancar o Hitler nesta casa!

A Bélgica caiu no dia em que Evangelina teve o seu primeiro encontro com o Doutor Ernani Lóssio. Êle estava consternado mas iluminou-se todo com a presença daquela encantadora moça que lhe chegava, em plena maturidade, como uma baforada de primavera.

— Amo-a, muito, Evangelina, e não desisto de alcançá-la. Mas, como sabe, sou casado e tenho quatro filhas moças, tôdas solteiras, por cujo destino velo com cuidado. Não posso oferecer-lhe nada de garantido, mas o meu amor é todo seu e você disporá de mim como quiser.

Êsse "como quiser" era um tanto reduzido, já que êle não podia assumir nenhuma atitude, mas Evangelina com isso se satisfazia. Chegara agora a prometer-lhe um encontro mais íntimo, no apartamento de um amigo dêle. Até então os encontros vinham sendo furtivos, em confeitarias afastadas do centro, ou em cinemas de bairro, pouco frequentados, durante o dia.

O dia do encontro chegou, finalmente, trazendo consigo um despetalar constante de emoções. Pela manhã, antes de sair, Iara chamara-a ao quarto para contar-lhe uma novidade. Estava exaltada, os olhos brilhantes, com um ar de irreprimível vitória.

— Evangelina, tenho uma coisa a dizer-lhe... uma coisa muito séria... e muito boa para mim! Resolvemos tudo... eu e Hugo... Êle vai pedir o desquite. Falará com Aléxia. Está irredutível. Mesmo que ela não aceite, êle consultará o advogado. Viveremos juntos. Desprezando a lei. Pensando apenas no nosso imenso amor!...

Evangelina ficou-se a olhá-la um instante. Parecia que, desde algum tempo, um vento impetuoso de loucura levava tôdas as coisas. Tudo lhe pareceu mesmo muito frágil para resistir a essa fôrça invencível.

Iara saiu nervosa, vibrante, estalando os dedos. Acompanhou-a até a calçada e viu de novo o mesmo homem do outro dia, procurando por D. Carmila.

— É do armazém. Trouxe umas garrafas de guaraná.

Evangelina chamou a criada e com o seu ar distante impediu que o homem entrasse.

Que diabo virá êsse homem fazer aqui?... Dispôs-se a observar D. Carmila, mas o rodamoinho das próprias paixões impedia-a de atentar nos dos outros. — (Cont. no próx. número)

BÔLO DE CARAMELO

Eis aqui um bôlo bonito e gostoso que pode ser feito por qualquer uma de nós, embora tenhamos poucos conhecimentos sôbre a arte de decorar bolos. Como podem ver pela gravura, êle tem um aspecto atraente e, com um pouco de habilidade, estará pronto num piscar de olhos.

A deliciosa massa é a seguinte:

Leve a fogo brando ½ xícara de açúcar. Deixe que derreta e, mexendo sempre para não queimar, dê-lhe um tom dourado. Retire do fogo e vagarosamente adicione ¾ xícara de água fervendo. Leve de novo ao fogo baixo e mexa com colher de pau até que todos os torrões de açúcar estejam bem dissolvidos. Despeje a calda assim obtida numa xícara e, se não der para enchê-la, acrescente a água suficiente. Deixe esfriar. Essa calda é chamada caramelo.

Numa vasilha, peneire juntos: 2¼ xícaras de farinha; 1 xícara de açúcar; 3 colheres de chá de fermento e 1 colher de chá de sal. Junte a êsses ingredientes secos ½ xícara de manteiga, ou margarina, e apenas ⅔ de xícara do caramelo frio. Bata vigorosamente por 2 minutos. Acrescente o resto do caramelo, 2 ovos bem batidos e 1 colher de chá de baunilha. Continue a bater por mais 2 minutos. Asse em 3 fôrmas bem untadas com manteiga e depois ligeiramente polvilhadas com farinha de trigo. Leva uns 25 minutos, no máximo, em forno moderado. Desenforme o bôlo e ponha-o num bonito prato. Quando êle estiver frio, cubra-o com a seguinte glace:

GLACE DE AÇÚCAR QUEIMADO

Em fogo baixo derreta ½ xícara de açúcar e deixe que doure ligeiramente. Mexa ou agite a panela de vez em quando para que o açúcar não queime. Retire do fogo e junte ¼ xícara de água fervendo, mas bem de vagar. Leve de novo ao fogo baixo e mexa até que todos os torrões se tenham dissolvido.

Noutra panela derreta ½ xícara de manteiga. Retire do fogo e adicione, aos poucos, 2½ colheres de sopa de farinha de trigo; ¼ de colher de chá de sal. Mexa vagarosamente e junte o caramelo. Sempre mexendo, leve de novo ao fogo e deixe ferver por mais 1 minuto. Não fique alarmada se a glace coalhar. Retire do fogo e, batendo bem, acrescente, alternadamente, 3 xícaras de açúcar de confeiteiro e cêrca de 3 colheres de sopa de água. Ponha a panela dentro de um recepiente com água fria e bata até ficar em consistência de espalhar. Mexa bem e junte ½ colher de chá de baunilha. Se ficar grossa demais junte um pouquinho dágua. Tôdas as medidas usadas nêste bôlo são rasas.

Quanto aos enfeites, separe duas ou três pequenas porções da glace e dê-lhe côres diferentes, tal como pode ver pela gravura acima.

A Sedução da beleza...

sob a proteção do creme dental

KOLYNOS